

# Comédia famosa. O cerco da grande cidade de Deus pelo rei de Sicília, devoção pelos defuntos ou triunfo das almas

Organização, introdução e notas de  
António Bárbolo Alves  
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
e do Ministério da Educação)

## FICHA TÉCNICA

Título: *Comédia famosa. O cerco da grande cidade de Deus pelo rei de Sicília, devoção pelos defuntos ou triunfo das almas*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Março de 2008

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l' Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

## 1. Versões existentes no Centro de Estudos António Maria Mourinho

No CEAMM há três cópias correspondentes a duas versões distintas. Uma versão, a partir da qual se fez a edição digitalizada, tem 33 páginas, existindo duas cópias no CEAMM. A outra, de que só há um exemplar, tem 36 páginas. Os textos, embora muito próximos, apresentam algumas diferenças que nos levam a supor que a fonte de cada um deles é diferente, não se tratando, portanto, de cópia um do outro.

A nossa edição interpretativa baseia-se na mesma versão de que fez a edição digitalizada, ou seja, aquela de que dispomos de duas cópias. Contudo, ao longo do texto, acrescentámos, entre parênteses rectos, as formas ou versos que não constam dessa versão, informando igualmente, em rodapé, sobre muitas diferenças ou variantes ortográficas.

## 2. Origens

Segundo informa António Maria Mourinho num artigo publicado na Revista *Ocidente*, Volume LI (1956), tinha em seu poder um manuscrito intitulado "*Mística cidade de Deus, auto de devoção pelas almas do Purgatório*". Acrescenta aquele investigador que o texto deve ser uma "tradução do espanhol" e que "veio de Ifanes, Miranda".

Como já informámos, as versões existentes no CEAMM já se encontram dactilografadas. Contudo, é de supor que tenha sido o próprio António Maria Mourinho a fazer essas cópias, tendo o manuscrito desaparecido.

Relativamente à origem, encontramos, de facto, muitos castelhanismos que permitem estabelecer uma ligação muito próxima entre as nossas versões e uma suposta versão, anterior, em castelhano. Porém, não conhecendo essa hipotética versão, é igualmente de supor que o seu autor seja um castelhano radicado na Terra de Miranda, em Ifanes ou Caçarelhos, como informa a nota escrita na última página de uma das versões:

*Copeado em Duas Igrejas por José Tomaz Pires, provém de Ifanes e Caçarelhos, passado nas Ilhas da Itália.(Europa).*

*Duas Igrejas, 23 de Abril de 1927, José Tomaz Pires.*

*José Tomaz Pires de Duas Igrejas do Concelho de Miranda do Douro, o copeou por um de Ifanes pertencente ao Senhor Matola, natural de Caçarelhos, concelho de Vimioso e residente na freguesia de Ifanes do Concelho de Miranda do Douro, Trás-os-Montes, Portugal.*

*José Tomás Pires*

*Duas Igrejas, 1 de Agosto de 1938*

De referir igualmente que podemos encontrar numa página web a referência a uma história ou lenda muito idêntica à que está na base da nossa “comédia” e que merece, em nosso entender, ser transcrita.

Eusébio, duque da Sardenha, que terá vivido no século XIII, era muito devoto das almas do Purgatório, consagrando-lhes uma das suas cidades, Villadio (ou seja, cidade de Deus). Astórgio, rei da Sicília e nada devoto das Almas, resolveu conquistar essa cidade, munindo-se para tal de um poderoso exército muito superior ao do duque. Este reuniu as suas tropas, embora consciente da inferioridade do seu exército. Ora, na batalha, viu juntarem-se-lhe numerosos soldados, vestidos de branco, gritando que vinham combater em nome do Rei do Céu. Astórgio fugiu, em debandada. O Duque quis conversar com o comandante daquelas tropas para lhe agradecer o auxílio. Mas este respondeu que eram Almas do Purgatório, libertadas pelas suas orações e sufrágios e enviadas para combater ao seu lado.

Ver: <http://www.preghiereagesuemaria.it/libri/il%20purgatorio%20nella%20rivelazione%20dei%20santi.htm>

### **3. Representações**

Não temos notícia de nenhuma representação que tenha tido lugar na Terra de Miranda.

## Pessoas que falam

Um Bispo  
Um Conde Fabriço  
D. Rodrigo  
Um rei Baltazar  
A Infanta Cacilda  
Fernando Gracioso  
Marquez de Calábria  
Romeiro Vandoleiro  
Dom Alcaide  
Um rei de Candia ou o príncipe  
Luduvicos ou Luiz  
Um menino da Infanta  
Cacilda  
Lusbel  
Um exército de almas que vão defender a  
cidade de Deus sendo capitão delas D.  
Rodrigo

## PRINCÍPIO

Bispo  
Ó rainha do céu império,  
Manancial das vivas *ágoas*,  
Refúgio<sup>1</sup> dos pecadores  
Maria cheia de graça.  
Título deste templo,  
De Deus aqui colocada  
Padroeira d'esta cidade  
Em *logar* das minhas esperanças;  
E com que gosto admitida  
Pois estais tão venerada,  
Da cidade que é fundada  
Deu fim a obra cumprida  
Permiti, excelsa<sup>2</sup> mãe  
Concedei-me Virgem Santa  
Que o meu fim e o de meu irmão  
E o Conde Fabriço vá  
Em aumente pelos seus  
Esta devoção tão Santa  
Que é rogar pelos defuntos  
Que estão na Graça de Deus.  
Para que seus corações  
Se imprimam e suas almas

---

<sup>1</sup> Em ambas as versões a forma que nos aparece é “refugio”. Contudo, refúgio parece-nos ser a mais correcta.

<sup>2</sup> Na versão que está na base desta edição interpretativa lê-se “eccelsa”. Na outra versão existente no CEAMM lê-se “santa”.

Gozem da Glória e de vós  
Na celestial morada.  
Para isto tenho gastado  
Todas as minhas rendas  
Por isto tenho passado  
Trabalhos, fadigas e contendas  
Por ver o templo acabado.  
Pois hoje deu fim a obra  
Tão maravilhosa e rara  
Que tanto a Deus agradará  
Em cânticos e louvores  
Ressoe a música e acorde  
Publique a voz sua fama.

## *Música.*

Viva a cidade de Deus  
E viva a nossa flauta  
Pois desta cidade ao céu  
Se conduzem muitas almas.

## ALCAIDE

Ânimo, Ânimo,  
Pilotos lá sobre a noite  
Que já as muralhas altas  
De *Cerdenba*<sup>3</sup> se descobrem.

*A este tempo haverá “rogido”, que se vem  
desembarcando pelo mar:*

## BISPO

Olá, *centinela* e guardas  
Que *estronda* a novidade é essa?

*Sai o Alcaide com pressa. Diz o Alcaide:*

É nosso irmão, que acaba de chegar  
Agora ao porto de *Cerdenba*.

*Vai-se o Alcaide.*

## BISPO

---

<sup>3</sup> Conforme informa a nota que se encontra no final do texto a “história” passa-se nas “ilhas de Itália”, pelo que se deveria ler Sardenha. Contudo, seguindo os nossos critérios de edição, e uma vez que esta grafia não obstaculiza a compreensão, mantemos a grafia original. Note-se, por outro lado, a proximidade desta grafia com a forma castelhana *Cerdeña* que, como se descobrirá ao longo do texto, pode denunciar a “origem” ou existência de uma versão anterior em castelhano.

Tua vinda ignoro  
Não sei o que alma me anuncia  
Em tal *passagio*<sup>4</sup> como este  
Muito temo a tua jornada.

*Sai o Conde Fabrício e diz:*

CONDE  
D. Andrés, irmão?

BISPO  
Conde?  
Desta viagem empenhado  
Com que à *Cerdenha* és chegado  
A mim medo corresponde;  
Nunca contente cumprido  
Pois agora que em estado  
De ver meu gosto *acavado*  
Um desgosto hei recebido;  
Para chegar desta sorte  
Sem saber da tua vinda,  
Prognóstica é a minha vida  
De um lance terrível e forte.  
Irmão, que novidade  
À *Cerdenha* te há trazido!  
Acaso vindes *fogado*?  
[A que vindes conde]. Falai-me?

CONDE  
Só que me escuteis pretendo  
Que tem mistério prudente.

BISPO  
De tua voz estou prudente.

CONDE  
Pois atende.

BISPO  
Já te atendo.

CONDE  
Sabeis D. Andrés, irmão,  
Que o que teve *liverdade*

Para governar um rei  
Em seu palácio real  
Também o poderá ter  
Para dizer a verdade.  
Não sei como vos declare  
Eu sei que não duvidais,  
Que o pecar é para os homens,  
E de Deus o perdoar.  
Por morte de nosso pai,  
Vós o condado herdais,  
E por tirar pela Igreja  
Vós em mim o renunciáveis;  
*Desteis-me* o Condado a mim  
E como vosso irmão me honrais  
*Saveis* que com vossas rendas  
Fundámos esta Cidade  
E *edifiquemos*<sup>6</sup> um templo  
Que segundo vejo já  
De todo deu fim à obra  
Em ela sei que colocais  
A Imaculada Virgem  
Da Graça por titular.  
Fundastes gran confraria  
E mandastes que a rogar  
Viessem pelos defuntos  
Todo o povo em geral.  
Por meu braço e por minha espada  
Foi temido pelo mar,  
E em todas essas fronteiras  
Dei provas de General  
Achei-me em várias batalhas  
E o estandarte real  
Ganhei uma vez ao *Granterão*  
Matando ao *solemne Soltão*  
Como morreu não direi  
Porque é muito que falar  
Por estas e outras façanhas  
Dignas de nomear.  
Baltazar rei da Sicília  
Ma mandou logo chamar  
Seis anos como sabeis  
Sirvo ao gran rei Baltazar  
De secretário e agora  
De copeiro maior  
Tem me sabido<sup>7</sup> a fortuna  
A tão supremo *logar*  
Que a temo e com razão  
Que em efeito sou mortal.  
Mas não quero referi-lo

---

<sup>4</sup> Esta forma poderia denunciar a italiana “passaggio” (passagem), indicando que o texto teve também uma versão italiana. Contudo, na outra versão lê-se “pressário” pelo que a forma mais adequada, neste contexto, parece ser “presságio”.

<sup>5</sup> “á”, por “há”, na outra versão.

---

<sup>6</sup> Por “edificámos”.

<sup>7</sup> “subido”?

Pois não ignorarás  
Vamos ao que nos importa  
Que é o que aqui me trás:  
A Infanta formosa Cacilda  
Filha do rei Baltazar  
Pôs os olhos em mim,  
E eu nela e deu *logar*  
*Fo*<sup>8</sup> assisti-la uma noite  
Com meu bizarro<sup>9</sup> disfarce  
Deu-me entrada em sua cela<sup>10</sup>  
E para dizer a verdade  
Amantes os dois ficámos  
E sem podermos<sup>11</sup> falar  
Com os olhos, línguas mudas  
Nós tratámos de explicar;  
Rendidos ficámos ambos  
Nem ela menos nem eu mais  
Porque ela ficou sem vista  
E eu hei-de falar a verdade  
Cego me olhei à luz  
Daquela formosa de idade;  
Ainda que tinha presente  
Que era pessoa real  
Não me tinha eu por menos,  
E vós Santo Cardeal  
*Save* Deus e eu o sei  
Que a ocasião deu *logar*  
Aos sonhos que aos homens cegam  
De querê-la estimar  
Já tenho dela um filho  
De três anos algo mais  
E seu pai o rei se diz  
A determina a casar  
Com esse rei de Candia  
Segundo hei sabido já;  
E se a sua notícia chegar  
A vida nos tirará;  
E o castigo da Infanta  
É o que eu temo mais.  
Isto é o que me obriga  
Em segredo a chegar cá  
Para que a Sicília passes,  
Onde nos possa casar  
Com silêncio e em segredo  
Que ela resolvida está

---

<sup>8</sup> Por “fui”.

<sup>9</sup> “vizarro”.

<sup>10</sup> “Celda”.

<sup>11</sup> A forma que nos aparece no original é “pudermos” (futuro do conjuntivo). No entanto, como se depreende do contexto, a forma correcta é a do infinito pessoal ou flexionado “podermos”.

A ser minha esposa  
E eu dela. Que ma apraz.  
Isto venho a suplicar-vos  
A isto minha vinda há sido  
Só a isto e nada mais  
De vosso auxílio me ampare  
Bem conheço que fiz mal,  
Ao feito não há remédio  
Olhai lá que me aconselhais.

BISPO

Muito sinto, Conde irmão  
A notícia que me dais  
Que se o segredo se sabe  
Ambos vos arriscais  
Que Baltazar é soberbo  
E há-de querer-se vingar  
Mas a Infanta, Conde irmão  
Ela quer com vós casar?  
Tem-vos amor?

CONDE

É tão grande a amizade  
Que em seu coração me tem  
E em meu coração está.

BISPO

Pois antes que vos ache menos  
Vos podereis ir embarcar  
Para Sicília, que eu  
Em breve irei visitar  
Ao rei e a infanta bela  
E se resolvida está  
Em tomar com vós estado  
Eu vos irei casar.

CONDE

Deixai que vos *veije* a mão  
Como bispo e como irmão  
Mas dizei-me, Rodrigo,  
Meu sobrinho, onde está?

BISPO

Em seu quarto o contemplo  
Ocupado a estudar  
Seu engenho é peregrino  
E é muita sua habilidade  
Grande *ensbelo*<sup>12</sup> tem custado  
Para ver de o ensinar  
Mas premiado vê-lo espero

---

<sup>12</sup> Por “desvelo” (cuidado, dedicação)?

Tanto trabalho e *afam*<sup>13</sup>  
Entrando em religioso  
Que este estado lhe hei-de dar  
Porque é estado mui grande  
Ser pregador e cantar.

CONDE

Deus vos o deixe cumprir  
Pois tanto disso gostais,  
E assim com vossa licença  
Me parto já a embarcar  
A servir em seu palácio  
Ao grande Rei Baltazar  
Da minha ausência não *save*  
E darei que suspeitar  
Se à sua notícia chegar  
Que vim a esta cidade.

BISPO

Deus em bem vos leve irmão  
E eu pensarei em rogar  
Desta luz quanta quereis  
Porque possais *augmentar*  
A devoção dos fiéis.

CONDE

O mesmo farei por lá.

*Vão-se. Descobre-se Rodrigo sentado a uma mesa com livros, vestido de hábitos de frade franciscano e o retrato de uma mulher.*

RODRIGO

De que serve o meu desvelo<sup>14</sup>  
Se me causa cruel guerra  
De que serve ter aqui  
Estes livros ao meu lado  
Haver ciência<sup>15</sup> estudado  
Mais que ninguém<sup>16</sup> cá na terra?  
Se eu estou enamorado  
Vendido e apaixonado  
Com um contínuo desvelo<sup>17</sup>?  
Eu vi um sol aparecer  
Mas se bem se considera  
Vi uma dama: Luz Bela!  
Vi o céu numa mulher;

Mais prendas vi tão *bellas*  
Nesta<sup>18</sup> mulher constante (*mostra o retrato*).  
Que sua boca é um diamante  
E seus olhos são estrelas  
Eu não sou meu, já estou  
Fora de mim, porque vivo  
Em o amor discursivo  
Pois senhor de mim não sou.  
Este retrato me há enviado  
Quero vê-lo (*mostra o retrato*).  
Que rosto bem formado  
Formosa dama bem *argido*  
Quem tanto bem conheceu  
Só isto é que me faltou  
Para ser escravo tou<sup>19</sup>.  
Adoro-te com lealdade,  
E firme serei em adorar-te,  
E para mim mais bem amar-te,  
Pois em ti minha vontade  
Já por ti os livros deixo  
Firme serei em adorar-te  
E eles se esquecerão  
Firme serei em amar-te  
Pois é conselho mais são.

*Levanta-se, atira com os livros e colga os vestidos ou hábitos.*

RODRIGO

Por esse chão ultrajados  
Vos queixareis com razão  
Desta vil infama acção  
Vendo-vos já desprezados!  
Hábito funesto com pressa  
Aqui hás-de ficar colgado  
Que já estou enamorado  
Já não quero continuar<sup>20</sup> missa  
Nem ao menos por promessa,  
Não duvido do rigor  
Te queixarás<sup>21</sup> com razão  
Desta vil infame acção,  
Mas isto causa o amor.  
Sinto deixar-vos assim  
Vestidos *enbergonhados*  
Vendo-vos assim colgados

<sup>13</sup> Por “afã”.

<sup>14</sup> “disvelo”.

<sup>15</sup> “sciencia”.

<sup>16</sup> “nemguem”.

<sup>17</sup> “disvelo”.

<sup>18</sup> “Esta”.

<sup>19</sup> Esta forma corresponde à forma mirandesa do pronome possessivo que assim passou a rimar com “faltou” e não com “conheceu”.

<sup>20</sup> “cantar”, na outra versão.

<sup>21</sup> “quexaras”

Podeis-vos queixar de mim,  
O quarto quero cerrar  
Que virá meu tio Bispo  
A ver-me e vendo isto  
Comigo se há-de *enraivar*.  
Quer<sup>22</sup> que no doce aprisco  
Eu apresente o meu ano<sup>23</sup>  
Nesse crescido rebanho  
Do seráfico fraidisco.  
Para frade havia estudado  
Essa carreira seguia  
Mas vi esta estrela e me guia  
A esta senda e a outro estado.  
(*mostra o retrato*).

Adeus livros e vestidos  
Da sacerdotal roupagem  
Que eu vou buscar outro *trage*  
Ferido do Deus Cupido<sup>24</sup>.

*Vai-se e sai o bispo.*

BISPO  
Já por instantes bem juntos  
Com grande veneração  
Se entende a devoção  
De fazer bem pêlos defuntos  
Ao quarto do meu sobrinho  
Rodrigo, hei chegado<sup>25</sup> já  
Mas ele estudando estará  
Que seu estudo é peregrino  
Seu engenho é agudo bem  
Mas verei em que se entretém.

*Abre a porta, vê os livros estrampalhados, vê os  
hábitos colgados e diz:*

BISPO  
Que é isto! Ó céus divinos!  
Meu Deus que vêem meus olhos!  
Os livros estrampalhados!  
E os hábitos colgados!

Destas portas e ferrolhos!  
Rodrigo, sobrinho amado?  
Que novidade, onde estás?  
Como assim penas me dás  
Desta sorte me há deixado?  
Porque vendo o que vejo  
Dás claro a entender (*levanta os livros*)  
Que tu te tens esquecido  
Por algum desejo vão  
Ou com alguém tomaste amor.

*Sai o Alcaide e diz:*

ALCAIDE  
Que me manda meu Senhor?

BISPO  
Há certo temor  
O meu coração *transpassa*  
Haveis visto o meu sobrinho?

ALCAIDE  
Pelo palácio turvado<sup>26</sup>  
Sem hábitos vai correndo,  
Vestido de leigo dizendo,  
Que já quer<sup>27</sup> ser casado.

BISPO  
Cala-te, não digas mais,  
Que morro de haver-te ouvido,  
E de tua boca<sup>28</sup> sabido  
Tão desarregado azar!  
Que me serviu que estudasse  
Tanta *sciencia* e teologia  
Se o prazer que eu trazia  
Com ele se desvanecia.  
Hei-de ralhá-lo e aconselhá-lo  
A ver<sup>29</sup> se torna para Frade  
Caminho tão verdadeiro.  
A Sicília passarei,  
E comigo o levarei,  
E do rei aconselhado,  
Seu intento mudarei  
Vou determinar a partir  
Minha jornada seguida  
A consultar com El-rei,  
No palácio em Sicília.

---

<sup>22</sup> “Quere”.

<sup>23</sup> Este verso não parece fazer muito sentido, denotando assim os eventuais “erros” de transcrição. Talvez o desconhecimento da palavra “aprisco” (curral, redil) tenha contribuído para essa transformação do verso que deveria ser, em nosso entender, o seguinte: “Eu apascente o meu gado”.

<sup>24</sup> “cuprido”

<sup>25</sup> “chagado”.

---

<sup>26</sup> “torbado”.

<sup>27</sup> “quere”.

<sup>28</sup> “voca”.

<sup>29</sup> “A ver”.



ALCAIDE

Nada falta que prevenir,  
Vossa eminência Senhor;  
Pode partir ao momento.

BISPO

Queira Deus que em breve tempo  
O veja eu em bom rigor.

ALCAIDE

Assim o queira Deus Senhor.

*(Vão-se). Sai o Marquez como de noite e diz:*

MARQUEZ

Bem conhece que é uma acção,  
Temerária, esta que entendo  
Neste *assumpto* violento  
Indigno<sup>30</sup> deste *vastão*;  
Quem com amor e ciúme<sup>31</sup>,  
Teve discurso jamais<sup>32</sup>  
Que o amor nunca lhe dera  
O atributo de cego.  
Suspeita certa eu tive  
Que o Conde atrevido valente  
Amante e adora a Infanta  
E assim, com cautela e intento  
Espera-la no jardim  
E descobrir-lhe o meu peito  
Para que *saiua* que a adoro  
E se não atende a meus rogos  
Com excessos violentos  
Hei-de forçar sua honra  
Estes são os meus intentos  
Aqui oculto entre esta mata  
Amante atrevido a espero  
Aqui me retiro.

*Retira-se.*

*“Sae” o Conde como de “noute” e diz:*

CONDE

Agora que em sossegado<sup>33</sup> silêncio  
Está neste sítio a Infanta  
Prevenida ao nobre intento

Vigilante virá a ver-me  
Para saber o sucesso,  
Daquela viagem a *Cedanba*  
Neste jardim a espero;  
Valha-me Deus que de sustos  
Ocasiono o amor cego,  
Que cobarde é o delito!  
Pois de Candia é certo  
Que com a Infanta pretende  
Era lançar o jugo estreito  
Do matrimónio e sem dúvida  
Correm nossas vidas perigo.

MARQUEZ *à parte, diz:*

*Giga* [sic] Deus, que este é o Conde  
Que a amante a este *logar* veio  
Aqui oculto hei-de *saver*  
Se é certo o meu receio.

*“Sae” a Infanta disfarçada com chapéuzinho e capa e diz:*

Amante e determinada  
Em o confuso silêncio  
Esta noite vim falar  
Ao Conde, meu doce esposo  
Como a tanto que já  
Ausente de mim está  
Cada minuto que passa  
Por um ano o considero  
E para que meu pai o não saiba  
Assim disfarçada venho  
Mas além *descrebo* um vulto  
Farei a senha primeiro;  
Que deixei ao Conde porque  
Não se descubra meu peito;  
E chegue a meu pai o rei,  
Notícia de tal segredo (*anda*)  
Ah! Cavalheiro, sois vós;  
Quem o *jarmim*<sup>34</sup> branco e tenro  
Colher *ententá-lo* aurora?

CONDE

A esperança me dá alento  
Que o Jasmim sem esperança  
Viver não pode um momento.

INFANTA

Conde, esposo?

---

<sup>30</sup> “Endigno”.

<sup>31</sup> “ceume”.

<sup>32</sup> “já mais”.

<sup>33</sup> “sossegado”.

---

<sup>34</sup> Na outra versão lê-se “jasmim”.

CONDE  
Infanta bela?

INFANTA  
Muito às tuas finezas devo.

MARQUEZ, *à parte*.  
Cautela minha atenção  
Esta é a Infanta, ver quero  
O que os dois determinam  
Em o confuso silêncio  
Pois vem assim disfarçada  
Encerram algum segredo.

INFANTA  
Foi feliz, vossa viagem?

CONDE  
Foi tão feliz, doce esposa  
Que lograremos infanta  
O fim a que estás disposta.

INFANTA  
Em que se ocupava o Bispo?

CONDE  
Em dar as graças ao Céu  
De ver o seu gosto cumprido<sup>35</sup>  
Posto deu fim ao templo,  
E a Cidade Sacrossanta<sup>36</sup>,  
Donde fundada nós temos  
Uma Santa confraria  
Donde grandes e pequenos  
Fazem bem pelos defuntos  
E tanto se vai estendendo  
Esta devoção tão santa  
Que não duvido que aos Céus  
Sirva de muita alegria  
E dê muito alívio a elas  
Contei-lhe, Infanta, o estado  
Do nosso numeroso affecto  
E como um filho a nós dois  
De três anos nos dá o Céu  
Sem que em palácio nenhum,  
Se haja sabido o segredo  
Apenas lhe contei o que referido  
Ficou Infanta de vir,  
A casar-nos mui ligeiro.

---

<sup>35</sup> “comprimdo”.

<sup>36</sup> “Sacrossanta”.

INFANTA  
Queira o Céu que isso se faça!

CONDE  
E eu suplico aos Céus  
Que o rei teu pai não saiba  
O que em confuso silêncio  
Há estado calado tanto,  
E não há descoberto o tempo  
Ainda que te quero e adoro  
E por esposa te tenho  
E não pode ser delito<sup>37</sup>  
Quando o fim é tão honesto  
A soberba de teus pais  
Infanta é a que eu temo.

INFANTA  
Como sejas meu esposo  
Maior fortuna não espero.

CONDE  
Grande lealdade, querida Infanta  
Ao vosso carinho devo.

INFANTA  
Serás meu Esposo?

CONDE  
E vós minha?

INFANTA  
Vós meu amante?

CONDE  
Vós minha dona?

INFANTA  
Vinde a ver a meus *paes*  
A quem prevenido tenho  
Que a causa da vossa ausência  
É um caso de instrumento (engenho).

CONDE  
Sempre estarei confessando  
Que a alma e a vida vos devo.

---

<sup>37</sup> No nosso dactiloscrito encontramos a forma mais antiga “dilicto” (< latim delictu). Na outra versão lê-se “dileto”.

INFANTA

E eu, Conde, estarei sempre  
Amando e agradecendo.

*Vão-se. “Sae” o Marquez:*

Que é isto que eu vejo?  
Confuso estou e admirado  
Será isto certo ou sonhado?  
A Infanta do Conde um filho!  
Como meus raivosos *ceumes*  
Não matam o Conde e a Infanta?  
Mas não! *Dessimulemos* vingança,  
Que ao rei eu lhe darei parte  
Pois com o peito que intenta  
Fazer, loucamente cego  
De casar-se com a Infanta,  
Sem que o rei, *saiva* o sucesso:  
Lhe há-de seguir contra o Conde  
Guerras civis e incêndios  
E deste modo darei  
Aos meus remorsos triunfo.

*(Vai-se) “Sae” Rodrigo enfadado e o Bispo  
atrás e diz:*

RODRIGO

Não tendes que porfiar meu tio  
Que eu não hei-de querer,  
Vosso gosto que é morrer,  
Só estado hei-de tomar,  
O estado que escolher  
Voluntariamente são  
*Bosquei* outro para mim  
Meu gosto todo atropela  
Já os livros esqueci  
Adora minha fé aqui  
Esta espada e esta estrela.

*Mostra um punhal e um retrato.*

E em acção tão impotente  
Não direis que me guiou  
Que os meus olhos alumiou  
E me deu bastantes luzes,  
Pois hei-de seguir sempre a ela  
E não hei-de poder fazer  
Que eu esqueça esta *molher*,  
Porque é sol, lua e estrela;  
E assim deixai-me seguir  
A felicidade ou fortuna

Que Deus me tem destinada  
E assim a Deus hei-de servir.

BISPO

Oh! Quanto sinto Rodrigo  
Esta novidade prolixa  
E não queres que eu me aflija  
Havemos<sup>38</sup> feito contigo  
Tantos extremos de amor!  
Ensinar-to tantas *sciencias*,  
Sofrer-te as impertinências  
E agora dar-me esta dor?!

RODRIGO

Não vês que sou de *Cerdenha*  
Meu coração é de penha?

BISPO

Que isto cause uma *molher*  
Pois uma coisa te *pido*<sup>39</sup>  
Que faças Rodrigo amado.

RODRIGO

Se não é tocando-me ao estado  
Me acharás pronto e rendido.

BISPO

Que a Sicília a ver o rei  
Venhas *commigo* que gosto.

RODRIGO

Por te não causar desgosto  
Nisso te obedecerei.

BISPO (*isto é à parte*)

O rei há-de ser padrinho  
Advogado e intercessor<sup>40</sup>,  
E o guie a outro caminho.

*Vai-se.*

RODRIGO

Bela de idade com razão  
(*olhando para o retrato*)  
Esta ausência hás-de sentir,

---

<sup>38</sup> “Havendo”, na outra versão.

<sup>39</sup> Esta forma corresponde igualmente à primeira pessoa do presente do indicativo do verbo pedir, em mirandês: “you pido” (cf. português “peço” e castelhano “pido”).

<sup>40</sup> “entecessor”.

Mas podeis atribuir  
Que a levo no coração.

*“Vae-se”. Sai o Rei com uma carta, o Conde, a  
Infanta e o Marquez e diz o Rei:*

Esta carta me vem de Candia  
Quero ver o que diz  
Por ver se convém ao meu reinado  
Vede-a vós Conde.

*Dá-lhe a carta ao Conde.*

CONDE

Assim diz (*lê*):

Gran Baltazar, rei da Sicília  
Senhor da Infanta Cacilda, vossa filha,  
Achando-vos servos e tutores  
Do Rei da Candia  
E desejando que tome estado  
Pedimo-la para esposa,  
Deste príncipe  
E fazendo assim  
Se ordenarão os *recevimentos*  
Que convenham a príncipes  
Tão estranhos como  
Os governadores<sup>41</sup> de Candia.

*Conde, fala à parte.*

Só isto me faltava, Céus!  
Não me trates com rigor.

INFANTA, *à parte.*

Morro de pena e de dor!

MARQUEZ

De incêndio abrasador  
O meu peito chamusca tem.

REI

Isso escrevem, pois convém  
Que a Infanta tome estado.

*Vão-se. “Sae” Rodrigo e Fernando pela porta  
do Rei e diz:*

Todos faremos o mesmo

Que meu tio lá em *Cerdenha*,  
Uma há instituído  
Mas há-de *saver* Fernando,  
Que é tão terrível meu tio,  
O Senhor Bispo B. Andrés,  
Que não quisera servi-lo,  
Manda-me que tome estado,  
O Estado que é escolhido,  
É de matrimónio ou casado;  
Ele queria que eu fosse  
Frade Franciscano e isso,  
Vai contra a minha vontade  
E eu Fernando querido  
Estou namorado em verdade  
Não me sujeito nem me rindo  
Mas prossegue...

FERNANDO

Digo Senhor que por sua Caderneta  
Seu brio, sua Nação, e gentileza  
Que as suas obras lhe remeta  
O fez o rei mordomo-mor  
E deste ofício há saído  
A ser secretário e nisto  
Quatro anos há servido,  
Ao fim a Infanta Cacilda se namorou.

RODRIGO

Acaba, dize.

FERNANDO

De teu tio que Deus o guarde  
Nosso Conde D. Fabrício;  
E também saberás<sup>42</sup> que tem  
Já da Infanta um filho  
Quer seu *paê* que se case  
Porque outro rei a tem pedida  
Herdeiro de Candia  
Destas ilhas longe *visinha*.

RODRIGO

Não em balde mandou chamar  
A meu tio D. Andrés.

FERNANDO

A história bem a vê  
O que há-de fazer é calar.

---

<sup>41</sup> “Desgovernadores”

---

<sup>42</sup> “saveras”.

RODRIGO  
Pois trata o Conde de vir  
Para escapar com a Infanta.

FERNANDO  
Se este dito não adianta  
Mal se poderá esperar.

RODRIGO  
Deus os dispense e aparte  
Das fúrias que tem o rei.

FERNANDO  
É como um boi  
Não há quem de *trutar*<sup>43</sup> o farte.

*(Rodrigo dentro e diz):*

RODRIGO  
Cala; que gente *roge*<sup>44</sup>.

FERNANDO  
Será o rei D. Rodrigo  
Vamo-nos daqui amigo.

RODRIGO  
Amigo, vamos.

*(Vão-se) “Sae” o Bispo e diz o Rei.*

REI  
Imagem que no mundo  
Não se ouvisse tal devoção.

BISPO  
De esta santa devoção  
Sou eu quem o tem fundado  
O referido condado  
De direito vem-me a mim  
E por ser meu gosto assim  
A meu irmão o tenho dado  
A cidade que contei  
Fundei em<sup>45</sup> Cerdenha, Senhor  
E cheguei a ser pastor  
Da cidade que fundei  
Mandeí pregões muito juntos  
A povoar o que queriam  
Viessem, mas que seriam

Mui devotos dos defuntos  
Dei-lhe franca esta pousada  
E assim me valha o Senhor;  
Que hão tomado com amor  
A devoção consagrada  
Causa é ver o que ali obram  
Os sacrifícios que fazem  
Até os meninos que nascem  
Ao senhor os encomendam.

REI  
A vosso sobrinho vi  
E em afecto me agradou.

BISPO *(diz à parte)*  
Minha alma me pesou  
Sem dúvida mo vai pedir!

REI  
Galhardo moço é por certo.

BISPO  
Será vossa *magestade*  
Meu padrinho favorável  
Uma<sup>46</sup> mercê lhe pedirei  
Senhor, ma concedeis?

REI  
Como eu possa...

BISPO  
Bem podeis.

REI  
Pois eu vos concedo  
Bispo, a mercê é  
Que me sirvais de advogado  
Quando meu sobrinho amado  
A *vejjar* chegou seus pés  
Eu criei este *mancevo*  
Desde pequeno e infante  
E o fiz ser estudante  
Dos melhores que há<sup>47</sup> na terra  
De seus estudos prezado  
Estava quando atrevido  
Tirou com livros e vestidos  
Dizendo, hei-de ser casado  
Ah! Desgraçados<sup>48</sup> intercessores

---

<sup>43</sup> Por “trotar”?

<sup>44</sup> Por “ruge”.

<sup>45</sup> “um”.

---

<sup>46</sup> “Um”.

<sup>47</sup> “á”.

<sup>48</sup> “Desgraçado”.

Advogados e padrinhos  
E teólogos mui divinos  
Que confundam seus horrores  
Mas como é de *Cerdenha*  
Se há<sup>49</sup> empenhado, sou advertido  
Que por<sup>50</sup> ser ali nascido  
Basta para ser de penha.

REI

D. Andrés, farei assim  
Discurso lhe há-de fazer  
Por dar-me a mim algum prazer,  
Posto que o mando aqui.

“*Sae*” *Rodrigo de gala e diz:*

Meu Tio e o Rei?  
Alto aqui...

REI

Ah? D. Rodrigo!

RODRIGO

Senhor? (*anda sobre o rei*)

REI

Dizei-me que vos parece  
Desta corte que se lhe oferece  
A de *Cerdenha* é melhor?

RODRIGO

Vossa *Magestade* Senhor  
Tem em Sicília uma corte  
Que é das do mundo norte  
Pois não a haver melhor  
Ao passo que será melhor  
Compará-la se mereceu  
Pois será melhor o céu  
Por ser toda a divindade.

REI

Me haveis causado novidade  
Ao ver-vos de gala vestido,  
Para quando frade hei ouvido  
Tenhais Rodrigo estudado?

RODRIGO

Bem o podeis dizer  
Ciências<sup>51</sup> várias estudei,

Ma s já de intento mudei  
Que outro estado quero ter.

REI

Rodrigo, estou empenhado,  
De que sigas a carreira,  
Daquela intenção<sup>52</sup> primeira  
Esquece, filho, o ser casado  
Que maior fortuna esperas  
Alcançar, Rodrigo amado  
De perfeição grande estado  
Se religioso estiveras?

BISPO

Dar-se-á<sup>53</sup> acaso desta vez  
Que nem obedecer ao rei queres<sup>54</sup>,  
Pois procura tu<sup>55</sup> maior ventura.

RODRIGO

Não sou desse parecer  
Em todo o rei meu Senhor  
Pronto estarei e humilhado  
Não sendo tocante ao estado  
Que esse hei-de elegê-lo<sup>56</sup> eu.  
Eu um hábito hei-de trazer  
Mas capinha! Eu sou lagarto?  
Eu vestir-me com esparto?  
Em saias como *molher*?  
Deixai já de aconselhar-me.

BISPO

Procuras de atormentar-me!

RODRIGO

Tu minha perdição procuras!

REI

Não te abrandam as ternuras!

RODRIGO

Quero gran<sup>57</sup> Senhor salvar-me,  
Se sou frade me Condeno;  
Se sou casado sirvo a Deus;  
Já entendeis os ditos meus...

---

<sup>49</sup> “á”.

<sup>50</sup> “for”.

---

<sup>51</sup> “Ciências”.

<sup>52</sup> “intensão”.

<sup>53</sup> “Dár-se-a”.

<sup>54</sup> “Qués”.

<sup>55</sup> “teu”.

<sup>56</sup> “elegi-lo”.

<sup>57</sup> “gan”.

REI

Eu digo que é Santo e Bom,  
De matrimónio o estado,  
Mas vencendo esta paixão,  
E entrando na religião,  
Teu intento verás mudado.

RODRIGO

Por impossível o tenho.

BISPO

Faz isto por mim.

RODRIGO

Não me atormenteis assim  
Nem te escuto nem te entendo.

REI

Olha que essa louca ilusão<sup>58</sup>,  
Esquece esse amor Rodrigo,  
Se não fazes o que te digo,  
Provas<sup>59</sup> minha indignação,  
Como louco e atrevido,  
Mostras tanta resistência  
Ultrajar a obediência,  
Dum rei que te há pedido;  
Como tanto porfiar,  
Louco, altivo e desgraçado,  
Não é grande o sublime estado,  
Cantares missa e pregar?  
Como atrevido moço  
*Tam* arrogante lhe perdes  
O temor ao rei e te atreves  
Viva *Christo* Senhor nosso!?

RODRIGO (*à parte diz*)

Temo de vê-lo irado  
Já sei que à força hei-de ser  
Mau frade e pior casado.

REI

Que me respondes, Rodrigo?

RODRIGO

Que pronto senhor, estou.

BISPO

Rendido graças vos dou  
Pois o vejo reduzido.

REI

Chega a, meus braços contrito<sup>60</sup>.

RODRIGO

Aos teus pés.

REI

Rodrigo, levantai-vos.

RODRIGO

Mande vossa *magestade*.

REI

Que vás depressa para o convento.

BISPO

Oh! Que alegria e contente  
Pois logrei o meu *dezejo*.

RODRIGO (*vai-se e diz à parte*):

A morte bem perto a vejo  
Neste estado enfadador.

BISPO

Para volver-me, Senhor  
Licença me haveis de dar.

REI

Já vos quereis embarcar?

BISPO

Bem sabeis que sou pastor.

REI

Minha gente vá *convosco*  
Até que chegueis ao porto.

BISPO

Tanta dita não mereço.

REI

Ide com Deus.

BISPO

Ficai com ele.

*Vão-se cada um por sua porta e canta a música  
estes versos.*

---

<sup>58</sup> “elusão”.

<sup>59</sup> “Porvas”.

---

<sup>60</sup> “cuntrito”.

Já Rodrigo por esforçado  
Tornou outra vez ao convento  
E Lusbel com suas astúcias  
O mudará do seu intento;  
Dando-lhe aos frades a morte  
Se há-de meter salteador  
Junta uma companhia  
Farão estragos de horror.

*“Sae” Lusbel com um punhal e um retrato e, ao mesmo tempo descobre-se Rodrigo vestido de frade dormido sobre a mesa aonde estão os livros e diz:*

LUSBEL  
Desta escuridade *ambrosa*<sup>61</sup>  
Deste palácio encantado  
Saio a dar guerra a um soldado  
Com minha força poderosa,  
A frade Rodrigo esta façanha  
Procuro ver desgraçado;  
Que para um frade forçado  
Não preciso muita manha:  
Está na *celda*<sup>62</sup> dormindo,  
O encontro não em oração,  
De mim ficará vingado  
Porque já tem má intenção  
Este punhal e retrato  
Vou-lho a pôr no seu livro  
Porque estando dormindo  
Esperte e fique estupefacto  
Vendo o retrato lá,  
E o punhal entre seus livros  
Vacilar-lhe-ão<sup>63</sup> os sentidos  
E por fim se escapará.

*Chega-se à “celda” depois de haver metido o punhal entre os livros e pôr ali o retrato, diz:*

LUSBEL  
Dormes, Rodrigo amante?

---

<sup>61</sup> Esta é a forma comum às duas versões. Parecemos, contudo, que a forma mais adequada deveria ser “umbrosa” (sombria, tenebrosa), uma vez que outras formas, graficamente próximas, como “ambroso” (contendo âmbar) ou “ambrosíaco” (relativo ao manjar dos deuses) desvirtuam o sentido do verso.

<sup>62</sup> Forma castelhana, significando, neste caso, o aposento dos frades no convento (cf. português “cela”).

<sup>63</sup> “Vacilarão-lhe”.

RODRIGO  
Quem me chama neste instante?

LUSBEL  
Um paraninfo do céu,  
Que venho por Deus mandado  
A dizer-te que te cases,  
Não sejas frade forçado.  
Não creias em Baltazar,  
Nem em D. Andrés o bispo,  
Que para frade *fracisco*,  
Se empenham que este estado  
O sigas contra a vontade.  
Deus não quer esta violência,  
Por isso, Rodrigo amado  
Escolhe tu o teu estado  
Que lhe não fazes ofensa;  
Que me respondes Rodrigo?

RODRIGO  
Eu que hei-de responder?

LUSBEL  
A um mensageiro de Deus  
Não tens nada que dizer?

RODRIGO  
Digo que não esquecerei  
Aquela formosa *molher*.

LUSBEL  
Vou-me pois já o deixo  
Enganado sem *saver*.

*(“Vae-se”).*

RODRIGO (*diz sonhando*)  
Eu *sugeito* a um vil prelado!  
A uma *obediência* obrigado?!  
Eu num convento metido?!  
Eu contra a minha vontade  
*Sugeitar-me... Oh! Dura lei!*  
Por dar gosto a um vil rei  
Desprezar uma deidade (*acorda do sonbo*).  
Meu Deus, isto é ilusão,  
Valha-me Deus que sonhava,  
Que eu o convento deixava,  
Levado desta paixão  
A reza quero acabar  
Pois o dia... transe forte!



Que olhos! Tiram sorte!  
Que vejo! Certo pesar!  
Quem pôs no meio das folhas  
Deste livro o meu tormento!  
Oh! Quanto sinto ver-me ausente,  
Sinto na minha firmeza  
Não me causes mais tristeza  
Bem sei que teu rosto vi,  
Bem sei que a minha fé  
Tão leal eu pus em ti,  
Bem sei que hás-de dizer  
Que fui desleal amante;  
E que sou tão *incunstante*  
Pois faltei ao teu dever!  
Não tive a culpa eu não!  
Não desprezo a formosura!  
Que foi a pouca cordura  
E um rei me fez traição  
Que hei-de fazer?  
Deixar o convento?  
Oh! Deus, é grande tormento  
Não, que é grande pecado  
Mas sim que ver-me forçado  
Desculpa meu atrevimento  
Mas não que o meu coração me diz  
Tem-te que vás desgraçado:  
Mas sim que ver-te forçado,  
O coração me contradiz:  
Isto há-de<sup>64</sup> ser.  
*(Vai a ler como que venceu a paixão e vê o punhal)*  
Mas que vejo!  
Quem este punhal irado,  
Na minha *celda* há<sup>65</sup> preparado  
À medida do *dezejo!*  
Pois com ele minha *cêga* sorte  
Para fazer maior pecado,  
Satisfaço o génio irado;  
Dar-lhes a todos os frades morte.

*Entra furioso e logo começam as vozes dentro e diz:*

1º FRADE  
Frae Rodrigo.

RODRIGO  
Morra já *guardiçãõ*<sup>66</sup>

---

<sup>64</sup> “á de”.

<sup>65</sup> “a”.

A punhal e a minha mão.

2º FRADE  
Valha-me o Deus S. Abraão.

RODRIGO  
Todos provareis<sup>67</sup> a mão.

3º FRADE  
Socorro<sup>68</sup>, Virgem Maria.

*“Sae” Rodrigo ensanguentado com um punhal e diz:*

De tanto frade renego  
Prove<sup>69</sup> também este leigo  
O que os outros *teêm porvado*.

*Recolhe-se.*

1º FRADE  
Frae Rodrigo.

RODRIGO, *dentro diz:*  
Frae Rodrigo sou demónio  
Não me chames Frae Rodrigo.

2º FRADE  
Que te engana o inimigo.

RODRIGO  
Mais que te engane o diabo,  
Mais quero ser um ladrão,  
E roubar com crueldade<sup>70</sup>,  
Que estar aqui nesta prisão.

3º FRADE  
Frae Rodrigo.

RODRIGO  
Frae Rodrigo, bem reparo  
Os vivos que inda há  
Chamando-me desde já  
O capitão Frae Diabo. *(Cala-se)*.

---

<sup>66</sup> Certamente por “guardião” (cf. castelhano “guardián”), significando funcionário ou prelado dos conventos franciscanos.

<sup>67</sup> “porvareis”.

<sup>68</sup> “Succorro”.

<sup>69</sup> “Porve”.

<sup>70</sup> “crueldade”.

## JORNADA SEGUNDA

“Sae” Rodrigo com um “pao”, batalhando com Romeiro e diz:

ROMEIRO  
Morra o vigário do frade.

RODRIGO  
Morra traidor lisonjeiro<sup>71</sup>  
Vais<sup>72</sup> morrer duma mocada,  
Não sabes jogar a espada  
E falaste<sup>73</sup> tão ligeiro?

ROMEIRO  
És algum frade ou diabo?

RODRIGO  
Ao diabo lhe ponho medo,  
E a todo o inferno junto  
Ponho espanto se me inquieto.

ROMEIRO  
Não vi em frade tal valor.

RODRIGO  
Não vi em salteador  
Semelhante cobardia.

ROMEIRO  
Detém-te que ferido me sinto.

RODRIGO  
Presto te *rindes*<sup>74</sup>?

ROMEIRO  
Aqui rendido a teus pés confesso,  
Que de valor tão estranho  
Temer pode o inimigo  
Vás fazer o que te *pidô*<sup>75</sup>.

RODRIGO  
Se é ao meu gosto ao momento.

ROMEIRO  
Que sejas nosso capitão  
Desde agora para sempre.

RODRIGO  
Sim aceito,  
Mas te advirto primeiro  
Uma certa condição  
Andarás sempre ao meu *geito*,  
Todo o que for ladrão,  
E se fazem o contrário  
O castigo mais horrendo  
De *Deocleciano* e *Nerão*  
Hei-de executar sobre eles  
Aceitas este partido?

ROMEIRO  
A *todo*<sup>76</sup> estamos *sujeitos*;  
Gomo te chamas?

RODRIGO  
Frae diabo.

ROMEIRO  
Pois Frei diabo, à vingança.

RODRIGO  
Pois escutai,  
A façanha melhor que ordeno,  
A todos quantos ladrões,  
Me obedecem, que em colhendo,  
Trazei-me porque nele quero,  
Vingar meu irado rigor,  
Dando-lhes grandes tormentos:  
Pois desde que eu fui frade,  
Essa canalha aborreço  
Não fique vivente algum,  
Que de meu coração ferro,  
Não *porve* a crueldade  
De meu vingativo atento;  
*Todo*<sup>77</sup> sejam crueldades,  
*Todo* roubos e adultérios  
Maldades e ingratidões,  
Se me quereis ver contento,  
E para mais glória nossa,  
Como capitão ordeno  
Que às mulheres grávidas  
Que agarrem logo ao momento,

---

<sup>71</sup> “lisonjeiro”.

<sup>72</sup> “Vás”.

<sup>73</sup> “falas-te”.

<sup>74</sup> Por “rendes”. Assinale-se que “rindes” corresponde à forma mirandesa.

<sup>75</sup> Por “peço”. Cf. castelhano e mirandês “pido”.

---

<sup>76</sup> Por “tudo”. Cf. mirandês “todo” (pronome indefinido).

<sup>77</sup> Por “tudo”. Cf. nota anterior.

Trareis à minha presença  
Que com minhas próprias mãos  
Essas desgraçadas quero  
Fazer a crueldade maior  
Que conhecerão os tempos,  
Por entre duas costelas  
Como lobo carniceiro,  
Sacar de suas entranhas,  
*As crianças* e eu creio,  
Que todo o mundo há-de temer,  
Frei diabo o bandoleiro.

ROMEIRO  
Pois Frae diabo é vingança.

RODRIGO  
Obedecer meus preceitos.

ROMEIRO  
Com teu valor *todo* é pouco.

RODRIGO  
Temam um frade ressolto<sup>78</sup>,  
Que perdeu o respeito a Deus,  
E sirva a todos de exemplo;  
Este meu comportamento  
Ninguém<sup>79</sup> teme à força os seus.

*(Vão-se). “Sae” o Rei e o Marquez por urna porta.*

REI  
Sicilianos valorosos,  
Valentes guerreiros meus;  
O valor que em vossos peitos  
Se encerra em vulcões *tam* vivos  
Se convertam contra o Conde  
Contra a Infanta e seus filhos  
Sem que serve a façanha,  
De nossa coragem em visto  
Contra D. Andrés o bispo  
Às armas guerreiros meus,  
Seus estados destrocemos  
*Abraçae* e ponde sítio  
À grande cidade de Deus  
Cercai<sup>80</sup> seus muros altivos

Não fique torre nenhuma  
Seus *labartes*<sup>81</sup> e edifícios  
Caiam, vingareis a afronta  
Dum rei que se acha ofendido.

*“Sae” por outra porta “Luduvico” com o mesmo intento que tem .Baltazar e diz:*

LUDUVICO  
Vassalos do rei de Candia  
Cujos ânimos e brios  
Têm sido terror e espanto  
Destes reis mais vizinhos  
“Mostrae” logo esse valor  
O Conde D. Fabrício  
Ajudando ao da Sicília,  
Pois ambos e dois *sofrimos*<sup>82</sup>,  
Uma ofensa e com agravo  
Que nos move a pôr-lhe sítio.

REI  
Príncipe, com teu valor,  
Asseguro meus desígnios  
Tanto rancor tenho ao Conde,  
À Infanta e ao seu bispo,  
Que com bem cautela foi,  
A traição que fez motivos  
Pois os casou em segredo  
Que em veneno convertido  
Tenho o peito, que vê-lo,  
Em certeza hei-de feri-lo.

LUDUVIDO  
Dessa mesma empresa<sup>83</sup> espero.

MARQUEZ  
O Marquez da Calábria,  
Zeloso, cruel e altivo,  
Será contra o Conde ingrato  
E mais poderoso inimigo.

REI  
Príncipe, com vossa armada,  
Por um lado

<sup>78</sup> Participípio passado, irregular, do verbo ressaltar (que se ressaltou, muito solto, lasso).

<sup>79</sup> “Nenguem”.

<sup>80</sup> “Cerecae”.

<sup>81</sup> Forma idêntica em ambas as versões que, possivelmente, seria “adarves” (muro de uma fortaleza).

<sup>82</sup> Forma popular da primeira pessoa do plural do pretérito do indicativo do verbo “sofrer”. Cf. mirandês “xufrimos”.

<sup>83</sup> “empresa”.

À cidade celebrada,  
Que é aonde mora o bispo  
Que eu por este e outro lado,  
Com todo o exército meu,  
Fecharei o forte de Calhar<sup>84</sup>  
Onde está o Conde e seus filhos  
Pra vingar mais a *impresa*  
De nossa vingança irada;  
Abraçemos<sup>85</sup> os lugares  
E passemos a espada,  
A pastores e serranos,  
*Destorçando* o que é seu.

LUDUVICO

Marche o exército meu.

REI

Marche o exército todo.

MARQUEZ

Morra o Conde D. Fabrício.

LUDUVICO

A matá-los.

REI

A destruí-los.

LUDUVICO

Assim vingo minhas iras.

REI

Assim meu furor mitiga.

*Vão-se. "Sae" o Bispo, o Conde, a Infanta, o  
Alcaide e o menino.*

ALCAIDE

Senhor, *todo* o que falei  
Contam dele e mais não sei,  
Eu só sei que se apelida  
Frae diabo o salteador  
Capitão duma quadrilha.

BISPO

Chorarei dias e noites  
A gran perda deste homem.

CONDE

Como dizeis que é seu nome?

ALCAIDE

Frae diabo o salteador  
Capitão duma quadrilha.

BISPO

Eu<sup>86</sup> o pranto a Jeremias<sup>87</sup>,  
Nesta vida hei-de imitar.

CONDE

Não se aflija vossa Senhoria.

BISPO

Como o hei-de remediar,  
Se a culpa toda é minha!

ALCAIDE

Por onde quer que passa,  
Tudo manda destroçar  
A gente que anda com ele,  
Tem coração tão cruel,  
Que até desonra<sup>88</sup> as donzelas,  
As mais formosas e belas;  
Quando chega a algum *logar*  
Se o padre não tem escapado,  
Furioso, cruel e irado,  
Logo o manda enforcar  
Pondo outro em seu *logar*  
Da sua mão graduado,  
Este é o maior tirano,  
Que anda lá na quadrilha;  
De algum povo ou de alguma vila  
Aonde está toda essa flor;  
E cativa as donzelas  
As mais formosas e belas,  
Aquele cura *lutherão*<sup>89</sup>,  
As desposa de sua mão,  
Com o frade a todas elas

---

<sup>86</sup> "Em".

<sup>87</sup> "Jeremias". Referência ao Livro de Jeremias e ao pranto que este profeta faz pelo seu povo e pelos castigos que recairiam sobre Jerusalém.

<sup>88</sup> "dez-zonra".

<sup>89</sup> Por "luterão" e relativo a Martinho Lutero (1483-1546), que também iniciou a sua vida religiosa num mosteiro mas que, depois de algumas controvérsias com o papado, nomeadamente por causas das indulgências mas também por discordar as interpretações dos textos sagrados, acaba por levar a uma cisão com a Igreja de Roma e a autoridade papal.

---

<sup>84</sup> Por Cagliari?

<sup>85</sup> "A brazemosos".

As reparte por sua gente,  
Daquele raio clemente  
Dá queixas e tristezas.

INFANTA  
Soberano redentor  
Tem piedade deste homicida.

BISPO  
Estou, Infanta querida;  
Por ir àquelas montanhas,  
E em suas profundas entranhas,  
Ali chorar toda a vida,  
Por ele farei penitência;  
Rogando a Deus que se aplaque,  
E daquele horror<sup>90</sup> o saque<sup>91</sup>,  
E me dê a rum paciência<sup>92</sup>,  
Porque eu a culpa tenho,  
De tão enormes delitos.

ALCAIDE  
Traz soldados tão malditos,  
Que deles fugindo venho,  
Depois vão-se para as montanhas,  
E para as fraldas dessas serras,  
Nos distraem nossas terras,  
Com diabólicas façanhas.

*(Disparam dentro um tiro e ressoa guerra e dizem o seguinte):*

RODRIGO  
Companheiros meus benignos  
Lograremos hoje ocasião  
Morra este infame esquadrão,  
De contrários inimigos.

*(Atiram outro tiro e diz o Marquez):*

MARQUEZ  
Oh! Meus soldados agarrai-os<sup>93</sup>,  
Segui-os, matai-os todos.

*Atiram outro tiro e diz o Rodrigo:*

RODRIGO  
São de *molher* os teus modos.

*Atiram outro tiro. "Sae" Fernanda depressa, a Infanta, o Conde e o Bispo e diz:*

FERNANDO  
O mais estranho sucesso,  
Senhores tem sucedido,  
Que em todo o mundo se há<sup>94</sup> ouvido.

INFANTA  
Que tem sucedido? Contamos isso.

CONDE  
Quererá vir talvez Rodrigo  
Ao meu alcançar porventura?

BISPO  
Esse traidor que procura  
Que nos quer esse inimigo?

FERNANDO  
Tem *captivo* ao Marquez,  
Que tanto vos perseguia,  
E a Infanta o ouvia  
Para que nele ponha seus pés,  
Penso que em pessoa bem,  
Com infinitos soldados,  
Olhai lá o convém  
Porque já se chega aos muros.

CONDE  
Vamos lá para a *moralha*,  
Que pode este touro fero  
Vir aqui a conquistá-la.

FERNANDO  
Que nos quererá este inimigo,  
Sanguinolento e tirano;  
Parece lobo *inhumano*,  
Não teme de Deus castigo,  
Não duvida que a esta cidade,  
Vem com toda a sua gente  
Venha túbio e impertinente,  
Fazer alguma maldade;  
Suas crueldades são certas,  
*Livrae-nos* do seu rigor  
Condados, chaves e portas.

*(Vão-se). "Sae" Rodrigo com hábito arregaçado<sup>95</sup>, um cinto de pistolas e traz ao*

---

<sup>90</sup> "orror".

<sup>91</sup> "asque".

<sup>92</sup> "pasciencia".

<sup>93</sup> "garrai-os".

---

<sup>94</sup> "a".

*Marquez preso com uma cadeia pelas mãos e diz...*

RODRIGO

Famoso Conde D. Fabrício,  
Grande senhor de Cerdenha,  
Se de paz chego a falar-vos,  
Porque me cerrais as portas?  
Como sois tão descortez  
Que nem o vosso sangue honrais  
Quando à vossa porta chego  
Assim os ouvidos cerrais?  
Ah! Do castelo de *Calhar*  
Ah! Do muro?

*“Sae” da<sup>96</sup> muralha o Conde, o bispo, a infanta e um menino e diz o Conde:*

CONDE

Quem vozeia?<sup>97</sup>

RODRIGO

Quem vem de paz a falar-vos.

CONDE

Diz quem és em hora boa?

RODRIGO

É o capitão D. Rodrigo  
Que de paz vos bem falar  
Príncipe daquelas selvas,  
Capitão de muita gente,  
Antes frade e *sugeito* a obediência  
Dum prelado e sou agora  
Rei e senhor destas brenhas  
Capitão dum esquadrão  
Que *sugeito* às minhas ordens  
Todo o seu valor se acha  
Olhai hoje que diferença  
Antes manejava eu.  
Alva e casula na Igreja  
E hoje no momento manejo  
Estas armas sem inveja.

*Ensina-lhe as pistolas que traz à cinta e segue:*

Antes a um coro sujeito,  
E rendido a obediência;

Hoje livre, sendo senhor,  
De honras vidas e fazendas;  
De missa quisestes ver-me,  
Fiz a isso resistência  
Meu gosto foi ser casado  
Tirastes meu gosto à força  
Pois sabeis hoje que já  
Tenho a minha obediência  
Mais de 50 *mulheres*  
Que desposado com elas  
Estou por sacerdote  
Que *impotestados* ordena.

CONDE

Possível é sobrinho amado,  
Que alcançando tanta ciência  
A empregues tão mal, sobrinho  
Tem de tua alma clemência  
Pelas ânsias<sup>98</sup> e pelas dores  
Pela angústia e aflição  
Que ao pé da cruz haveria  
De João e de Maria,  
*Repassou-lhe*<sup>99</sup> o coração;  
Estas setas com a dor  
Que repares nisto é melhor,  
Porque Lúcifer te leva,  
Aos escuros calabouços  
Da seus infernos cavernas,  
Volve em ti, abre teus olhos.

INFANTA

O mesmo meu amor te roga.

RODRIGO

Nobre Conde D. Fabrício,  
E vós, senhora Condessa,  
Meus ouvidos estão surdos  
E minha indignação perversa.

BISPO

Pelas divinas entranhas,  
Daquela pomba excelsa  
Que é a mãe dos pecadores  
Peço sobrinho que volvas em ti  
Repara que estás louco  
E que fazes grande afronta  
À mística cidade de Deus  
Por este que morreu na cruz.

---

<sup>95</sup> “regaçado”.

<sup>96</sup> “a”.

<sup>97</sup> “vozêa”?

---

<sup>98</sup> “ancias”.

<sup>99</sup> Trespassou-lhe ou traspassou-lhe.

*Mostra um crucifixo.*

E passou tantas ofensas,  
Por remir os homens todos  
De tão ásperas cadeias  
De Lúcifer que me escuta  
E meus lamentos atenda.

RODRIGO

Não pratiques que é em vão  
Por mim não choreis lágrimas tenras  
Que tudo<sup>100</sup> quanto *praticaes*,  
É em vão e me *molestaes*;  
Se não vos calais vou-me,  
Sem dizer a proposta.

BISPO

Quê? Estás irado?

RODRIGO

Sim.

BISPO

Não te abrandarás?

RODRIGO

Sou de penha.

INFANTA

Não te enternecem suas vozes?

RODRIGO

Não me fazem seus ecos força.

MENINO

Pois abrandate aos meus rogos.

RODRIGO

Um rapaz não tem resposta.

BISPO

Porque o hábito gastais?

RODRIGO

O trago por mais afronta.

BISPO

Repara que te vê Deus  
E não tornes a pecar.

RODRIGO

Vou-me por não te escutar.

*Faz que se “vae”.*

BISPO

Filho, espera,  
Diz-nos pois a que vieste?

RODRIGO

A minha Senhora Condessa,  
Princesa destes estados  
Preso o Marquez traidor  
À sua presença trago;  
Este é o vosso inimigo,  
Que vos seguiu por mar e terra  
Agora me encontrei com ele,  
E *travemos*<sup>101</sup> cruel guerra  
E o que a meu tio e a vós  
Vendeu com muita cautela,  
O prendi e algemado,  
O trago à vossa presença;  
Para que se vingue dele,  
E que lhe corte a cabeça:  
Também Conde te aviso,  
Duma notável notícia,  
Que vem o rei pelo mar,  
A fazer guerra e justiça,  
Com ele vem o Candia  
Tuas guarnições prevem<sup>102</sup>,  
Que os contrários são fortes  
E nesta terra está bem.

BISPO

Inimigo campeador  
Do reino e suas fronteiras,  
Aqui virás tu traidor  
Em que te fizemos ofensa?  
Se estava casado o Conde,  
Com a Senhora Condessa,  
A que foi o matrimónio  
Perseguidor da Igreja.

MARQUEZ

Eu sei a causa porque é  
Mas debaixo da obediência  
O que o rei me mandou fiz  
E trago sua licença.

---

<sup>100</sup> “todo”.

---

<sup>101</sup> Por “travámos”.

<sup>102</sup> Por “previne”.

RODRIGO

Farei pagar-vos, traidor  
A raiva que à Condessa  
Tens e ao Conde meu tio,  
Perseguindo sua Excelência.

CONDE

Antes sobrinho te peço,  
Que uma cousa me concedas,  
Que por bondade de Deus,  
Divina, Santa e suprema,  
Aonde os defunto a santos  
Oferecemos com ofertas.

Que perdoes ao Marquez,  
Pois os Condes de Cerdenha;  
Perdoam<sup>103</sup> de coração  
Todo o género de ofensa;  
Soltai ao Marquez, sobrinho,  
Para que vá a Sicília  
Contar a nossa nobreza  
E também a fidalguia;  
Entrega-lhe os meus navios  
Porque sobrinho me preza  
Que lhe tenhas destroçado  
A sua gente de guerra;  
Dai-lhe liberdade sobrinho.

RODRIGO

Antes para que não torne  
A perseguir-te é melhor,  
Que lhe cortes a cabeça  
Mas se assim tu não o fazes  
Tomo-o eu à minha conta.

CONDE

Pois entrega-mo assim.

RODRIGO

*Devaixo* dessa cautela,  
Quereis dar-lhe liberdade?  
Perdoe-me vossa alteza.

CONDE

Pois não me obedecéis?

RODRIGO

No que a mim me tenha conta  
Que por dar gosto a meu tio  
Vivo eu desta maneira.

---

<sup>103</sup> “Perdão”.

(“*Vae*” levando o Marquez com ele).

CONDE

Atende, mas já se foi!

BISPO

Olhai, Senhor, esta ovelha,  
Recebei-a<sup>104</sup> ao vosso aprisco<sup>105</sup>  
Não permitais que assim morra  
Nas mãos<sup>106</sup> de voraz lobo  
Que sua perdição deseje.

CONDE

Já que Rodrigo não quer  
Atender nossas propostas  
Uma carta tenho escrita  
Com a letra do meu punho  
Para ver se o reduzo  
Que às vezes numa penha  
Dando-lhe golpes se abranda  
Por dura e rézia que seja  
E nela lhe encarregarei<sup>107</sup>  
Que me guarde essas fronteiras.

BISPO

Conde, *prevem* teus castelos  
Pois as almas te avisam,  
Que a cidade de Deus,  
Quero partir-me.

*Abraçam-se.*

CONDE

Tua vida guardem os céus.

BISPO

Adeus infanta querida.

INFANTA

O céu vos guarde.

BISPO

Adeus querida.

---

<sup>104</sup> Na outra versão existente no CEAMM lê-se “roubei-a”.

<sup>105</sup> “a prisco”.

<sup>106</sup> “Que as mãos do voraz lobo”, segundo a outra versão.

<sup>107</sup> “encargarei”.



MENINO

Pois como em tanta desdita  
Deixas a meus *paes* tão sós  
Sabendo que guerra cruel  
Publicam meus avós?

BISPO

Não passo mais,  
O céu guarde vossas vidas.

MENINO

Não vês chorar minha mãe?

INFANTA

Choro, filho, as tiranias,  
E crueldade de meu pai  
Que em nós executar vai. (*Vão-se*)

BISPO

Cacilda, Deus vos há-de defender  
Que é sua bondade infinita;  
Confiai em sua clemência  
Com Deus ficai.

CONDE

Pois sigam ao meu Senhor  
A tropa de infantaria  
Que acompanhem sua pessoa  
Estai guardas à vigia  
Que em avistando as tropas,  
Disparem artilharia.<sup>108</sup>

(*Vão-se*). *Sai Rodrigo e Romeiro e dizem:*

RODRIGO

Puseste aquele traidor  
Da sorte que vos hei mandado?

ROMEIRO

Já o deixamos colgado.

RODRIGO

Morra assim pois fui traidor  
A nossa gente aonde está?

ROMEIRO

Hão-de emboscados estar,  
Quatro centos nessa serra;  
Que assombam o mar e a terra

---

<sup>108</sup> Esta estrofe só nos aparece em uma das versões existentes no CEAMM.

E duzentos a esperar.

RODRIGO

Os *delictos* que haveis feito  
Em toda esta semana  
Me contrareis gente *enhumana*<sup>109</sup>,  
Para ficar satisfeito?

ROMEIRO

Já a embarcar um doutor  
Mas rematou com a vida  
E, com fazenda perdida  
Dei morte a um comandante  
A um homem com sua *molher*,  
Que neste monte encontrámos  
Um tesouro lhe tirámos  
E a vontade de comer  
Também a umas ovelhas<sup>110</sup>,  
Cujas vozes foram vãs  
*Desfolhemos*<sup>111</sup> como rãs  
Dos pés até às orelhas<sup>112</sup>  
Lhe tirámos<sup>113</sup> suas peles  
E temos feito delas  
Pandeiros para dançar.

RODRIGO

Dignos sois de castigo  
Não me tendes satisfeito!  
Possível é que nunca acabe,  
De ensinar-te bandoleiro  
A ser cruel e tirano,  
Pois me vês tão *enhumano*?  
Dizes tu e os companheiros  
Desfolhemos umas ovelhas  
Lhe tirámos suas peles  
E delas fizemos pandeiros?  
Olhai pois que bandoleiro  
Acostumo eu as ovelhas  
À meia-noite acender  
Fogo em *logar* de cama,  
De ver como lume brama;  
Quem não recebe prazer?  
Às mulheres embaraçadas<sup>114</sup>,

---

<sup>109</sup> Na outra versão lê-se. “Me contareis gente humana”.

<sup>110</sup> A forma que se encontra em ambas as versões é “velhas”.

<sup>111</sup> Por “desfolhámos”.

<sup>112</sup> “as orelhas”.

<sup>113</sup> Noutra versão lê-se “tiremos”, noutra “tiramos”.

<sup>114</sup> Cf. castelhano “embarazada” (grávida).

Costumo eu das barrigas  
*Creaturas* secar vivas  
Pelo meio das *bochadas*<sup>115</sup>,  
A dois frades tendes visto,  
Com raivosa indignação  
Sem matá-los, juro a *Christo*  
Pois como sois humanos,  
Que fazeis poucos horrores,  
Não sabeis ser salteadores,  
A última acção que fiz  
Por dar-te exemplo delas,  
Por olhar para mim um frade  
E lembra-me de eu ser frade  
Cortei-lhe logo as orelhas.

*“Sae” Fernando com uma carta e dizem ao sair:*

FERNANDO  
Deus vos livre de pregões!

ROMEIRO  
Gente sinto, agora verás  
Se sou guerreiro se sou humano.

FERNANDO  
Ai de mim perdido sou  
Que me encontrei com Barrabás.

ROMEIRO  
Aonde caminhas, traidor,  
Serás por ventura espia?

RODRIGO  
Deixa lá que é cousa minha.

FERNANDO  
D. Rodrigo, meu Senhor.

RODRIGO  
Muito me alegre de ver-te.

*Fernando diz à parte.*

Como anda de ladrão a metade  
E ao outro meio frade  
Pois causa medo em verdade.

*Fala para Rodrigo:*

Esta com bem pressa,

---

<sup>115</sup> Cf. português “buchada”.

Me manda o Conde trazer.

*“Vae-se”.*

RODRIGO  
Que quererá dizer.  
Verei que nela expressa,  
Romeiro, tu parte já  
A dar parte a essa gente  
Que se previnam depressa.

ROMEIRO  
Brevemente se lançará  
A estas serras o fogo.

*“Vae-se” Rodrigo, abre a carta e lê.*

Meu sobrinho amado  
Estou admirado  
Do estado que vos tínheis<sup>116</sup>  
E agora vejo que estais,  
Convertido em Frei Diabo  
Eras a glória da igreja  
Aonde cantavas antes  
Um anjo representáveis  
Com alva casula e cálix  
Tão perto de Deus estáveis  
Que a Lusbel representastes<sup>117</sup>  
Caíndo Diabo entre penhas  
Fazendo mil disparates  
O que te peço sobrinho,  
Que não faças mal a ninguém  
Nem alvoroceis<sup>118</sup> meus vassalos,  
Dá-lhe fim às liberdades,  
E guarda-me essa fronteira,  
Porque essa porta é a chave  
De Cerdenha o rei meu sogro  
Quer segurar a armada;  
Defendei-me minhas terras,  
Que lá irão dois capitães  
A socorrer vossa gente,  
D. Rodrigo, Deus vos guarde.

*(Representa)*

---

<sup>116</sup> A forma que se encontra em ambas as versões é “tínheis”.

<sup>117</sup> Este verso só aparece em uma das versões na qual, a última palavra

<sup>118</sup> Na outra versão lê-se “alvoroteis”. Cf. castelhano e mirandês “alborotar” e também a forma portuguesa “alvorotar”.

Isto que me manda bom é,  
Mas manda-me que não dê,  
Assaltos pela montanha,  
Nisto, meu tio se engana,  
Que hei-de morrer nesta fé;  
Quero mais de noite entrar,  
Por um *logarçito* pequeno,  
A saquear como quero,  
Os *bilões* que ocuparem  
A aldeia ou povoado  
Quero mais com os despojos,  
Ver *deante* de meus olhos,  
Cem donzelas que hei gozado.

*Tocam caixas e Romeiro e Fernando saem e diz Romeiro:*

Famoso capitão Rodrigo  
Nossa gente amontoada,  
Que em as montanhas habita,  
De armas e gente é infinita,  
Triunfo de toda a Europa  
Neste porto desembarca gente  
Põe-te em armas capitão valente,  
E demos como nobres nossas vidas,  
Que indo tu *deante* da esquadra,  
Em vão o turco ao prussiano<sup>119</sup> ladrão.

RODRIGO  
Pois, ânimo soldados,  
Marte está de nossa parte,  
Não temais pois eu sou Marte,  
Nos comesse<sup>120</sup> selvas destes prados  
De dez em dez emboscados,  
Com cautela e astúcia nos poremos  
Com valor e fúria pelejaremos.

ROMEIRO  
Viva o nosso capitão.

RODRIGO  
Toquem as armas soldados.

*Dentro.*

Viva, viva.

*Tocam caixas e disparam.*

ROMEIRO  
Viça Frae Diabo.

RODRIGO  
Comigo te vais a ir  
Fernando amigo?

FERNANDO  
Ao momento o farei D. Rodrigo.

*Vão-se. “Sae” o rei e Luduvico e diz o rei:*

Aonde a planta estampou  
Achareis guias de minha gente morte  
Sanguinolento vejo o campo  
De mortes a campanha está coberta.  
Depois de haver perdido<sup>121</sup> tanta gente  
O Marquez de Calabria se acha ausente  
Pois não volveremos<sup>122</sup> ao nosso oriente  
Até que não volte a nossa perdida  
gente<sup>123</sup>.

LUDUVICO  
Se é certo que o Marquez  
Da Calabria é morto,  
Busquemos a este aborto<sup>124</sup>,  
[Para o matar de uma vez  
Ficando morto na serra  
Nunca nos fica mais guerra  
Busquemos estas montanhas  
Para descobrir a canalha  
E lhe daremos paga  
Conforme suas façanhas  
Por todas as partes vá gente  
Fazendo sangue e fazendo fogo  
Ardem as selvas, caem penhas  
Militares desde logo  
O que mando escutai com fogo  
E vós capitães mais bravos  
Se achardes gado

---

<sup>121</sup> Na outra versão lê-se “perder”.

<sup>122</sup> “bolveremos”.

<sup>123</sup> Na versão digitalizada, lê-se: “Até que não venha a perdida gente”. A diferença entre ambos os versos reforça a ideia de que não se trata de uma simples cópia, com alguns “erros” de transcrição, mas de textos com fontes ou origens distintas.

<sup>124</sup> Os versos seguintes, colocados entre parênteses rectos, constam apenas de uma das versões existentes no CEAMM.

---

<sup>119</sup> “prossiano”.

<sup>120</sup> Na outra versão lê-se “comece”.

Bois e vacas por este prado  
Retirem tudo para uma parte  
Que a estes estragos já nos ensina Marte

*Sai Rodrigo e Romeiro dum monte com pistola e diz Luduvico:*

Meus céus, que tenho avistado  
Que gente sai daquele mato  
Tão armada e tão valente  
Que neste monte vive luzente  
Sem temor de minha gente e sem perigo.

RODRIGO  
Eu sou o capitão que a ver-te venho  
Conheces-me Baltazar.

REI  
Santos céus, tu eras D. Rodrigo!

RODRIGO  
Eu sou que ao teu pesar e do mundo  
Se o mundo é meu inimigo  
O convento abandonei]  
E nestes montes e selvas  
Logo a roubar me botei  
À vista de minha gente  
Que está por entre as selvas  
Com armas e põe-te nelas,  
Fero<sup>125</sup>, cruel, rei inclemente,  
Alegrai-me<sup>126</sup> desde logo;  
Chega-te mais aqui rei;  
Tocai a rebate e entremos  
Que meu valor é batalhar  
Em todas as partes há-de achar,  
Assim como arruinei a outros  
Eu preguei e cantei missa,  
Por dar-te gosto Siciliano rei,  
Esta sacerdotal divisa  
Contra minha vontade a toda lei,  
Ficarei vingado por saber  
Que fui de ti afrontado,  
Em morrendo e ao inferno hei-de baixar  
Por minha desordem e loucura,  
E seus profundos eternos  
Antes que parta desta selva, escura  
*Deante* de mim quero levar-te  
E por meu rosto acompanhar-te.

REI  
Bárbaro tirano como queres matar-me  
Se trago um exército para acompanhar-me.

RODRIGO  
Eu tenho os pontos deste bosque  
Tomados com minha gente  
Sabemos<sup>127</sup> entradas e saídas,  
Melhor que tu na selva presente  
Por uma vida me dás cem vidas,  
Que a isto a guerra nos convida  
E também os meus soldados,  
São fortes, bravos e esforçados.

REI  
Loucos homens, tiranos,  
Tocai a rebate, aparte minha gente.

RODRIGO  
Dar fim a esta canalha.  
A fé que o há-de ser nesta batalha.

LUDUVICO  
Tocai as armas soldados  
Que já são muitas *brabezas*.

REI  
Baixareis à minha fragata  
Pelo reino e esforçado.

*(Vão-se). Entram dentro cada um por sua vez porta, dão a batalha dentro com espadas e tiros e diz Rodrigo:*

O rei morra na batalha  
E seu exército inimigo.

REI  
Soldados, morra Rodrigo  
E toda sua vil canalha  
Arma, arma, guerra, guerra.

*“Sae” Luduvico e Romeiro batalhando e diz:*

LUDUVICO  
Morre, infame bandoleiro.

ROMEIRO  
És menino e eu sou Romeiro

---

<sup>125</sup> “Ferro”, na outra versão.

<sup>126</sup> “Alegrai-me”, na outra versão.

---

<sup>127</sup> “Savemos”.

Ferro aberto<sup>128</sup> desta serra.

LUDUVICO

Se és Romeiro ou Romão  
*Rinde*<sup>129</sup>, fera.

ROMEIRO

Que me *rinda*  
A conversação é linda?

*(Vão-se). “Sae” o rei embainhando a espada:*

REI

Morra este esquadrão fero,  
Já ficam todos vencidos,  
Tenho vingado tantas vidas  
Do meu exército perdidas  
Eu não acabo de entender,  
Ainda que a gente é possível  
Nos dessem tanto que fazer.

*Disparam dentro e diz Rodrigo dentro:*

RODRIGO

Ai de mim, desesperado morro!

*Sai Luduvico.*

REI

Que é aquilo?

LUDUVICO

O capitão D. Rodrigo  
Não podendo doutra sorte  
Dum tiro deram-lhe a morte.

*O Marquez fala dentro e é descoberto atado a uma árvore em forma de cruz e diz:*

Gran Baltazar, rei de Sicília,  
Ampara este desgraçado,  
Na maior terrível pena,  
Que viram olhos humanos.

REI

Mas lamentáveis vezes ouço,  
Que será? Chegámos<sup>130</sup>;

Mas que vejo! Que tirano!  
Verdugo, injusto, cruel,  
Castigo tão desusado,  
Em meu amigo verdadeiro,  
Lhe fez e cura tirano.  
Marquez, almirante meu,  
Quem e agressor há sido<sup>131</sup>,  
O *humicio*<sup>132</sup> tirano,  
Que em tal estado te pôs?  
Que juro pele que valho  
De ser seu verdugo cruel,  
De assassino ingrato  
De mil vidas que tivera  
Para vingar teus agravos.

MARQUEZ

Rei de Sicília famoso  
Em o encontro passado,  
Esse apóstolo cruel,  
Esse que chamam frae diabo  
Com ignomínias e rigor,  
A este lenho de há *estado*<sup>133</sup>  
De pés e de mais me pôs,  
Neste lenho cruzado;  
O não haver-me morte ó rei  
De necessidade fui claro  
Que há estado fixa na minha vida  
Só com folhas de castanho,  
Aonde preso me vês  
Elas têm sido e meu pasto,  
Em cinco dias que choro,  
Tiranias de um cristão.

REI

Quem há visto tal crueldade!  
Quem viu tão estranho caso!  
[Vem almirante a meus braços]<sup>134</sup>  
Pois que logremos a dita,  
De livrar-te em tal perigo,  
Príncipe ao mor,  
Forme-se em ordem meu campo  
Meus estandartes também<sup>135</sup>,  
Vós ireis por esse lado,  
Com a metade das tropas,

<sup>128</sup> “Fero aborto”, lê-se na outra versão.

<sup>129</sup> Ou seja, rende-te. Contudo, “rinde” é a forma que nos aparece em ambas as versões.

<sup>130</sup> “Cheguemos” (em ambas as versões).

<sup>131</sup> “a vido”, noutra versão.

<sup>132</sup> Forma idêntica em ambas as versões onde se deveria ler, em nosso entender, “homicídio”.

<sup>133</sup> Forma idêntica em ambas as versões. Contudo, a forma mais “correcta” parece-nos ser “atado”.

<sup>134</sup> Este verso só consta de uma das versões.

<sup>135</sup> Na outra versão lê-se: “Meus estandartes temo bem”.

Acometereis bizarro  
À grande cidade de Deus,  
Do prodigioso milagre,  
Dessa grandeza de mundo;  
Eu com os demais soldados,  
Cerrarei e forte de Calhar,  
Abatendo e arruinando  
Seus muros, castelos e casas,  
Até deixar castigado,  
O Conde traidor e a Infanta;  
Vós a um bispo ingrato,  
Castigamos sem cuidado  
E assim ficaremos ambos  
Vês com honra e eu vingado.

[LUDUVICO  
Previna-se<sup>136</sup> minha gente.

REI  
Guerra, guerra.

LUDUVICO  
Marche, marche já ao campo.

REI  
A vingar minha desonra.]<sup>137</sup>

LUDUVICO  
A castigar meus agravos.

*(Vão-se). “Sae” Fernando e diz:*

Venho imaginando eu,  
Como deu fim esta guerra  
Penso que do pó da terra  
Se levantou e se deu...

*Disparam dentro um tiro e “sae” Rodrigo pelo monte com que vem empunhando<sup>138</sup> o punhal ensanguentado e Fernando continua:*

Mas ai Deus, quem se despenha  
Pela parte daquele risco  
Verei se deste alantisco<sup>139</sup>

Eu o conheço nas sombras.

RODRIGO  
Qual touro de morte,  
Dá vozes no chão desgraçado,  
Levantando a voz ao céu,  
Morre já desesperado!  
Quisera à borda de mar  
Fazer lamento profundo,  
E despedido de mundo  
Depois poder-me sepultar!  
Porque os animais e aves  
Não me despedem! Oh céus!  
Jazo em tem neste lodo. *Cai.*  
Tu que meus segredos sabes  
Perdoa-me as maldades,  
Pois de coração te rogo.

*Esta clamação fará a ao céu enquanto Fernando está a espreitar e que é atrás do alantisco e conbecendo-o diz:*

FERNANDO  
Ai meu Deus, que será isto?  
D. Rodrigo!  
Tão sangrento e tão ferido.

*Chega-se a ele.*

Rodrigo, estás já morte?

RODRIGO  
Eras amigo leal,  
Morro em teu poder contente,  
Mas que logo ao momento  
Me ajudes a levantar.

*Saem dois leões e o querem levar para o inferno e diz ou Rodrigo ou Diabo:*

Como para uma alma só,  
Vindes uma legião de demónios?  
Mas não me atribuleis,  
Bestas ferozes de profundo,  
Já me despeço de mundo,  
Breve me acompanhareis!<sup>140</sup>

<sup>136</sup> “Prevenha-se”.

<sup>137</sup> Os versos assinalados entre parênteses rectos constam apenas de uma versão.

<sup>138</sup> A forma que nos aparece em ambas as versões é “despunhado”.

<sup>139</sup> Arbusto mediterrânico (*pistacia lentisco* L.) cujo nome comum, quer em português quer em

castelhano, é lentisco. O a- protético encontra-se igualmente em alguns dialectos de Espanha.

<sup>140</sup> “Já me acompanhareis”, lê-se na outra versão.

FERNANDO

Que vês?

RODRIGO

Os demónios!

FERNANDO

Que se escapem p'ro inferno  
Valha-me S. Simão;  
S. Martinho e S. *Caitano*  
Chama a Deus que seja contigo.

*Vão-se os demónios.*

RODRIGO

É Deus justo e não sou eu,  
Que e tenho muito ofendido;  
Que são meus delitos muitos.

FERNANDO

Isso hás-de dizer senhor,  
Aonde estão os meus estudos?  
Eu hei-de converter-te a ti  
Sendo como sou um bruto  
Pões em terra os teus joelhos,  
Dobra no chão os membros  
E pede misericórdia  
De teus delitos e erros  
Levanta os olhos ao céu,  
E não te acordes<sup>141</sup> do mundo,  
E leva-os soluçando<sup>142</sup>  
Em Deus e seus atributos.

RODRIGO

Ajuda-me a levantar  
Porei na terra os joelhos,  
[Que já de Deus os desejos]  
A alma começa a gozar  
Deus soberano e eterno  
Sem tempo, fim nem princípio  
Em quem confesso e adoro  
Por quem vivo e por quem morro  
Bendita seja tua clemência  
Deus de admirável juízo  
Bendito em todas tuas obras  
No céu e terra bendito;  
Oh! Deus com que hei-de pagar,  
A mercê que hei recebido  
Senão de morrer pensando

Das culpas arrependido!  
Que bem te hei feito senhor?  
Para que assim hajas querido,  
Que à hera da minha morte,  
Me désseis tanto sentido?  
Grande Senhor misericórdia<sup>143</sup>,  
E perdão também te *vido*<sup>144</sup>  
De minhas culpas e pecados  
E de meus torpes delitos  
Perdoa-me por quem és;  
E não entre senhor em juízo  
Com teu servo pois não pode  
Justificar-se contigo!  
Almas de Purgatório<sup>145</sup>  
Oh! Santos do céu benditos  
Que bem poucas vezes eu,  
Devoto vosso tenho sido  
Montes que me estais ouvindo  
Marés, rios, selvas e planaltos  
Aves clementes e crias,  
Hoje [todos] como sois sereis  
Olhai que vês faço pedido  
Como prometo a meu Deus  
De o não ofender e digo  
Que se assim não o cumprisse  
Naquele dia de juízo  
Vos levanteis contra mim  
A meu Deus peço e suplico  
Não me Condene ao Inferno  
E em paga de meus delitos  
Me tenha no Purgatório  
Dois mil anos!...

FERNANDO

Que há pedido?  
Dois mil anos!

RODRIGO

Pior é ir-me ao Inferno!

FERNANDO

Se disseras quatro ou cinco,  
Ó que mal Rodrigo fizeste  
Não aconselhar-te comigo.

<sup>141</sup> Na outra versão lê-se “lêmbres”.

<sup>142</sup> Na outra versão lê-se: “E leva-os ao céu”.

<sup>143</sup> “mesericórdia” numa versão, noutra “misericórdia”.

<sup>144</sup> Primeira pessoa do presente do indicativo do verbo “pedir”, idêntica em mirandês e castelhano.

<sup>145</sup> “porgatório”.

RODRIGO  
Adeus irmão que me morro.

FERNANDO  
Diz Jesus alma cristã.

RODRIGO  
Despede-te da minha parte  
De meus parentes e amigos,  
Diz a todos que me perdoem  
E demais ao Senhor Bispo,  
Que encomende minha alma a Deus  
Que humildemente lhe peço,  
Em tuas mãos soberanas  
A Cristo meu espírito *rindo*<sup>146</sup>.

*Morre.*

FERNANDO  
Redentor da alma minha,  
Que por este homem perdido,  
Passaste morte e paixão,  
Guiai-o por bom caminho,  
Que importa Senhor Fernando  
Encomendar-te a Cristo?  
Deita-te ao ombro defunto,  
Já outro primeiro o fiz<sup>147</sup>  
Pois a noite tem fechado,  
Que por entre estes perigos  
Ir à cidade de Deus,  
A dar de sua morte aviso.

Leva-o às costas para dentro e sai o  
Alcaide.

ALCAIDE  
O Conde muito me encarregou  
Que esta fortaleza veja,  
E saiba quem a passeia  
Pois me hão poste de guarda  
Mas gente vem aqui  
Pela *muralha adiante*  
Sem dúvida é o ajudante  
Que a mandar-me vem a mim.  
Quem vem lá?

*Sai*<sup>148</sup> o bispo pela muralha adiante.

BISPO  
Amigos são.

ALCAIDE  
Que gente?

BISPO  
O bispo que ronda,  
Isso me parece bem,  
Haja no muro cuidado,  
Já que o reino está arruinado,  
A ilha se está a conquistar  
E por mistério da Trindade,  
Livre esta cidade  
Das iras de Baltazar.

*Sai Fernando com Rodrigo às costas, morto, e diz:*

FERNANDO  
Graças a Deus que cheguei,  
Ah de mure!

BISPO  
Quem vozeia?

ALCAIDE  
Morra qualquer que seja.

*Vai-se.*

FERNANDO

Não tendes que disparar  
Que seu Fernando.

BISPO  
Fernando?!  
Pois como vieste agora  
Tão escuro e a desoras?

FERNANDO  
Venho de certo ausentado;  
Meu senhor Bispo honrado  
Mande-me abrir e postigo,  
Que trago a meus lombos morto  
O corpo de D. Rodrigo.

BISPO  
A meu sobrinho?

---

<sup>146</sup> Primeira pessoa do presente do indicativo do verbo “render” (português “render”) idêntica em mirandês e castelhano.

<sup>147</sup> Por “fez”.

---

<sup>148</sup> “Sae”, na outra versão.



FERNANDO

Pesa mais de nove arrobas,  
Mas se traz tanta pistola,  
Aos meus ombros se carregou  
Mas nada me sobejou<sup>149</sup>  
Para e trazer a tua casa.

BISPO

Meu coração se há encoberto  
De tristeza, abre-lhe a porta,  
Que é bem que a outra morte  
Se veja com o defunto. (*Vai-se*)

FERNANDO

Lindamente se derranga<sup>150</sup>,  
Já à dispensa me vou,  
A que me dêem<sup>151</sup> um coelho,  
Uma bota de vinho velho;  
E sabe Deus se me verei farto  
Porque o nosso irmão defunto,  
A quem a morte apanhou  
Como quem comeu rãs  
Mil milhares de avelãs  
Todos os fatos borrou.

*Vai-se. Sai o Alcaide com duas luzes que porá  
a Rodrigo um leito:*

Oh! Que fortuna tão variável  
Que andas com uns errada  
E com outros acertada  
E em nenhum estado estável  
Oh! Infeliz cavalheiro  
Que vendo-te sacerdote  
E atirando com o capote  
Fizeste-te bandoleiro;  
Se em teu convento estiveras  
E até ao fim te preservaras  
Quantas mitras<sup>152</sup> e tiaras  
Cá neste mundo tiveras.

*Vai-se. Sai o Bispo e olhando Rodrigo diz  
sentado o Bispo:*

Filho do meu coração

---

<sup>149</sup> “subjou”.

<sup>150</sup> Cf. castelhano “derrengarse” (<lat. \**derenicāre*, magoar-se nos rins) e mirandês “derrengar” (part. pass. “derrengado”).

<sup>151</sup> Na versão digitalizada encontramos a forma popular “deiam”.

<sup>152</sup> As formas que nos aparecem nas nossas versões são “miteras” e “mitaras”.

Morto estás, a culpa é minha  
Eu venho a ser este dia  
Causa desta perdição!  
Contigo usei de crueldade  
E deus comigo se há irado,  
Pois querendo ser casado  
Fui contra a tua vontade,  
Não te matou o inimigo  
Eu sim, mas se adverte  
Fui que quis de missa ver-te  
Para alegrar-me contigo  
E agora caio na conta  
E no horror que cometi  
Contra Deus e contra ti,  
Vi-te de missa uma vez  
Vi-te em púlpito subido  
Agora morto a meus pés  
Tive-te notável amor  
E agora que assim te vejo  
Que estás Condenado és  
Como réu e malfeitor  
Desventura a essa hora  
Que nasceste neste chão  
Vou dar-te consolação  
Rogando a Nossa Senhora.

*Incorpora-se Rodrigo e o Bispo levanta-se  
assustado e diz:*

RODRIGO

Pois indo minha alma ao Céu  
Tio e senhor porque choras?

BISPO

És fantasma eu és visão,  
Ou invenção de Satanás,  
Tu falas ou donde vás?

RODRIGO

A pedir tua bênção  
Benze-me, Padre amado.

BISPO

Não com humildade fingida,  
Pensas dar-me fim a vida,  
Para deixar-me enganado;  
Este relicário bento;  
Cheio de relíquias santas,  
Que se acaso te levantas,  
Com ele te prende num monumento.

RODRIGO  
Não me espantas,  
Põe-me esse tesouro bento.

BISPO  
A que vieste a este mundo?  
Faz-me a este caso notório,  
Tu estás no Purgatório,  
Ou caíste no profundo?

RODRIGO  
No Purgatório estou,  
Padecendo grandes penas,  
Por minhas culpas e pecados  
Que é de Deus justiça recta.

BISPO  
Pois morrendo em mau estado, te  
salvaste?

RODRIGO  
Considera que é Deus misericordioso?  
Para aqueles que contritos,  
Banham sua cara e olhos,  
Chorando os seus delitos,  
E fui meu senhor tão grande,  
Esta dor de contrição  
Que cai logo no chão,  
Por dois mil anos senhor,  
Eu me sentenciei de penas,  
O Purgatório e enfim,  
Foi minha rogação aceite,  
Faz padre bem por minha alma,  
Eu suplico-te deveras,  
Pois em aquele lugar,  
Não se vêem senão trevas,  
Obscuridade e pranto,  
De horríveis vozes horrendas,  
Há cidades tenebrosas  
Com castelos e prisões,  
Aonde penam as almas,  
Os castigos das paixões,  
Uns acusam a outros  
Com trombetas e pregões  
Publicando seus delitos,  
Por estarem muito aflitos  
Tão diferentes martírios,  
Que não se atreve a minha língua  
A explicá-lo: queres padre,  
Ver uma alma ou uma senha,  
Das dores que ali se passam?

Abre a mão e recebe,  
Da dor que ali me atormenta,  
Simplesmente uma gota.

*Pega-lhe na mão mas o Bispo, queimando-se,  
solta-lha e sacudindo a sua diz também o Bispo:*

BISPO  
Oh Deus, que morro!  
Que me abraso!

RODRIGO  
Meu senhor, de mim te acordes.

*Cai e morre. Sai Fernando e o Alcaide.*

FERNANDO  
Que é isto que deita fumo?

BISPO  
No Purgatório está (*apontando-a*)  
E padece penas atrozes  
Os sinos dobrem as vozes  
A fazer bem pela alma já  
Que são mui grandes as penas  
Que nesse lugar padece  
Segundo sua dor mostra  
Em sufrágios, missas e honras  
Gastemos toda a fazenda.

ALCAIDE  
Que tem visto meu senhor?

BISPO  
Ai que me atravessa a mão  
Uma gota daquele fogo.

ALCAIDE  
Deus de ti se compadeça.

BISPO  
Trazei os dois meu sobrinho.

AMBOS  
Vamos com ele à Igreja.

*Vão-se. Ressoam os sinos ou coisa parecida.  
Depois haverá rugido de dentro e diz o rei saindo  
com fúria.*

REI

Às armas, às armas, soldados  
Toda esta gente feneça.

DENTRO

Misericórdia, piedade,  
Tem de nós outra clemência.

REI

Vamos soldados às armas,  
Toda esta gente feneça:  
Não tendes piedade nenhuma,  
Se não rigor e braveza;  
Tudo<sup>153</sup> sejam crueldades,  
Não fique *bislumbre* nem senha<sup>154</sup>,  
De vivente racional;  
Que de entre fidalga e plebeia  
Não seja espelho triste,  
Duma enlutada<sup>155</sup> tragédia  
Até o palácio do Conde,  
Tenho chegado e as portas  
Todas fechadas se encontram  
Como se do meu furor  
Tivessem de se libertar.  
Ah do palácio! Abri!  
Feros inimigos que estais surdos  
Se não vereis *inundialo*  
E reduzidos a cinzas  
Os muros deste palácio.

*Dentro.*

Misericórdia, piedade  
Tem de nós outros clemência.

REI

Clemência pedis, traidor,  
Olá, franqueai-me as portas  
Ah do palácio, saí,  
A que vos veja, miseráveis,  
Um rei que buscar-vos vem  
Não vês que é pessoa régia?

*No alto da muralha sai o Conde com um  
menino e a Infanta com outro aos peitos e diz o  
Conde:*

Misericórdia, gran rei,

Tem de nós outros clemência.  
Compadece-te de ver,  
Toda a cidade deserta,  
Pois todos seus moradores  
Têm perecido à força,  
À ira do teu castigo  
E das rigorosas frechas,  
Do homem sanguinolento,  
Que destroça, abrasa e queima;  
Não te lastimas de ver,  
Uma mãe que alimenta,  
A seus filhos pequeninos,  
Corta suas mãos mesmas,  
Um braço para sustento,  
Daquelas viventas prendas?  
E o pai como seu filho,  
O filho sua mãe mesma?  
E não *contento* com ver,  
Tão lamentável tragédia,  
Com espada do rigor;  
Vens senhor às minhas portas?  
Não te move, gran senhor,  
A lástima e a clemência,  
Ver dois netos pequeninos,  
Que mas balbuciantes línguas  
Sem pronunciar um acento,  
Que és seu avô *gorgeiam*?

INFANTA

Meu pai, meu rei e senhor,  
Perdoa nossas ofensas,  
Redime nossos agravos,  
Que a *magestade* suprema,  
De Deus nos ensina a todos,  
Que perdoemos as dívidas,  
Ou ofensas do inimigo,  
Se isto não te faz força,  
Ao que o teu valor mitiga,  
Bastam, senhor, as tragédias,  
Que tens feito em nossas terras,  
Em nossos trinta vassalos;  
Oh! Meu pai e senhor...

REI

Fecha os lábios, falsa filha,  
Essa tua infame<sup>156</sup> proposta,  
Não pronuncies atrevida!  
Eu teu pai antes o era,  
Agora sou basilisco<sup>157</sup>,

<sup>153</sup> “Todo”, em ambas as versões.

<sup>154</sup> “sombra”, na outra versão.

<sup>155</sup> “exultada”, na outra versão.

<sup>156</sup> Na outra versão lê-se “falsa”.

Sou tigre, sou uma fera,  
Somente beber intento,  
Em vosso sangue traidora!  
Até secar vossas veias  
E se não abris o palácio  
Franqueando-me essas portas,  
Vereis a maior crueldade  
Que tem gerado a cautela  
Pois abrasando-o todo  
Assegurarei a empresa.

MENINO  
Não nos maltrateis meu avô  
Não a meus pais dêis mais penas.

REI  
Infame avô me chamaste,  
Vai-te da minha presença.

MENINO  
Não me quereis?

REI  
Aborreço-te.

MENINO  
Quem o permite?

REI  
Tua estrela.

MENINO  
Quem o ocasiona?

REI  
Teus pais.

MENINO  
Que te hão feito?

REI  
Uma traição.

MENINO  
E que faremos?

REI  
Morrer.

MENINO  
Não há remédio?

REI  
Não se encontra.

MENINO  
Nunca verás bom avô  
Quando aos teus netos desprezas.

CONDE  
Tem piedade, gran rei,  
Tem dos meninos clemência,  
Já não é por ser teu sangue,  
Mas por inocentes *sequera*<sup>158</sup>.

REI  
Até não ver vosso sangue  
Não pára a minha *perreza*<sup>159</sup>.

CONDE  
Esposa querida e filhos,  
A divina providência,  
Dê socorro a nossas vidas,  
Se houve tantas misérias  
Pois nos vemos tão cercados  
Sendo por Deus, venham penas.

INFANTA  
Senhor, venham mais trabalhos,  
Se por vós estou disposta,  
A padecê-los constante.

MENINO  
Não te abrandam as finezas,  
De minha mãe e tua filha?

REI  
Em breve vereis meu furor,  
Não há-de ficar no palácio,  
Arco, janelas, nem pedras

---

<sup>157</sup> Criatura mitológica que matava com o olhar. Refira-se igualmente que o seu nome aparece no Antigo Testamento (*Isaias* XI-8, XIV-29, XXX-6, LIX-5; *Provérbios* XXIII-32; *Jeremias* VIII-17 e *Salmos* XC-13), havendo quem sustente que a própria serpente tentadora de Eva (*Gênesis* 3-1, 5) era um basilisco

---

<sup>158</sup> Cf. mirandês “sequiera” e português “se quer” (ao menos, pelo menos).

<sup>159</sup> Na outra versão existente no CEAMM lê-se “pureza”. Parece-nos, contudo, que “perreza”, embora inexistente mas relacionada com “perro” (cão) é a mais adequada neste contexto.

Que meu furor não desfaça;  
Tomei-me a fúria sangrenta;  
Eia, bizarros soldados,  
Fogo de *alquitrão*<sup>160</sup> se *pervenha*,  
Reduzi-me em cinzas  
Esta monstruosa opulência.

CONDE  
Deus, defenda nossa causa.

REI  
Que vos livre da minha soberba.

INFANTA  
É seu braço poderoso.

REI  
São grandes as minhas forças.

MENINO  
Para com Deus tudo é nada. (*Vão-se*).

REI  
Pois pede-lhe que vos defenda  
Do rigor dos meus soldados.  
Estendam-se minhas bandeiras,  
Às armas soldados meus,  
Caia o edifício a terra.

*Atiram tiros e dizem todos dentro:*

É grande a onipotência  
E se ela o permite vereis  
Só fumo, nem pó nem terra.

*Vai-se o Rei.*

## JORNADA TERCEIRA

MÚSICA  
Ai que abrasa o palácio,  
O rei com sua maldade,  
O Conde e a Infanta,  
Sairão dele por milagre.

*Sai o Rei como de noite.*

Já que a noite se veio,

Em seu nocturno silêncio  
Com as sombras e pedrinhas,  
Meus vingativos desejos,  
Solicito uma vingança,  
Para adquirir um troféu,  
O meu sangue a minha honra,  
Para ficar satisfeito,  
Dum agravo ocasionado,  
Da traição do meu desejo;  
Pois a ocasião me brinda,  
Os céus sejam testemunhas,  
O sol, estrelas e lua,  
E o celeste firmamento  
Duma temerária ocasião,  
Do mais tirano despeito,  
E da mais cruel vingança,  
Que já mais os homens viram,  
Eia valentes soldados,  
Já é ocasião do meu empenho.

*Acende fogo que dura algum tempo.*

Derramai pelo palácio,  
O golfo que está em meu peito,  
Não fique neste edifício,  
Se não [resquício pequeno]  
De pedra que não destrua,  
O *alquitrão* do meu fogo;  
Mas o meu furor me valha,  
Que o acelerado incêndio  
Se apodera dessas terras,  
E assim logro o meu intento  
Pois não poderão escapar-se  
Meus inimigos soberbos,  
Deste perigo que os cerca,  
Guerra, guerra, fogo, fogo.

*(Vai-se). Sai o Conde por uma janela a meio  
vestir e dá um salto dela para baixo e diz a  
Infanta:*

Não haverá quem me socorra?!

MENINO  
Meu pai que vivo me queimo?!

CONDE  
Água, água<sup>161</sup> que me abraso.

<sup>160</sup> Cf. castelhano “alquitrán” (alcatrão).

<sup>161</sup> “Agora, agora”, lê-se na outra versão.

*Sai agora.*

Vingança peço aos céus!  
Meu palácio feito forja<sup>162</sup>,  
Com meus olhos próprios vejo  
Em fogo de *alquitrão* se abrasa,  
E suas chamas metem medo,  
E pela voracidade<sup>163</sup>,  
Se avizinham até ao céu?!  
Quem viu traição semelhante?!  
Quem viu tão cruel empenho?!  
Quem tão temerário caso!  
Dum rei enganado e cego?!  
Por um postigo à rua,  
Me pude escapar do fogo  
Batalhando com as chamas,  
Já tropeçando e caindo,  
Ali encontrando vulcões  
Aqui despojos sangrentos,  
De meus pajens e criados;  
Que ali abrasados os vejo  
Em chamas, meus escritórios  
E alfaias de grande preço,  
Mas o que mais me aflige  
Oh! Deus! Grande sofrimento!!!  
Para que não chegou a ver  
Meus filhos e minha esposa,  
Naquelas chamas a arder,  
O que o coração suporta,  
Esta miserável morte!!!  
Já em cinzas desfeitos,  
E em carvões já reduzidos,  
Se verão; como não morro?  
Como esta dor não me acaba,  
Para que quero a vida,  
Se minha esposa querida,  
Naquele fogo arder,  
Nem lhe pode valer?!  
E meus filhos estimados,  
Não havendo criatura,  
Que os possa socorrer,  
Morrem ali abrasados?!

*Dizem dentro a um lado a Infanta e ao outro o menino.*

INFANTA

Conde, esposo, que me abraso?!

---

<sup>162</sup> Na versão digitalizada lê-se “troza”.

<sup>163</sup> “verocidade” (em ambas as versões).

MENINO

Ai que vivo me queimo?!

CONDE

Ainda vivos prendas queridas?!  
Oh! Tu caudaloso fogo,  
Que com teu furor abortes,  
Montes, castelos e povos,  
Não executas teu rigor,  
Em tão sincera inocência!  
Que a vozes estão pedindo,  
Piedade, socorro e clemência!  
Olha que é *valiente*  
Descarregar neles rendidos,  
A espada dá escarmento<sup>164</sup>.

MENINO

Meu pai que vivo me queimo!

COUBE

Primeiro um raio me parta,  
Querido que eu esquecer-te,  
Quero acudir ao remédio.

INFANTA

Conde, amante e doce esposo?!

CONDE

Oh! Terrível confusão!  
Já repartido me vejo,  
Minha esposa a este lado me chama  
Meu filho do outro suplica,  
A qual acudirei primeiro?!

MENINO

Meu pai que vivo me queimo!

CONDE

Céus, que vos não posso remediar!

INFANTA

Adeus esposo da alma!

CONDE

Oh! Terrível confusão!  
Já te acudo. Mas, oh Deus

---

<sup>164</sup> Cf. castelhano “escarmiento” (desengano ou aviso adquiridos com a experiência do danou do erro que alguém reconheceu nas suas acções o nas de outrem) e também mirandês “scaremantar” (avisar).

Que já os vulcões deste fogo,  
Se apoderam já das nuvens  
E redimir-te<sup>165</sup> não posso!  
Adeus, prenda da minha alma,  
Adeus, adoro-te dono,  
Adeus, filho da minha vida,  
Chovam sobre mim os céus,  
Mil raios, e que na terra,  
Me sepultem em seu centro;  
Já perdi o rico tesouro,  
Para que a vida quero?  
Se meus filhos e minha esposa  
Ouvi-me campos amenos.

*“Sae” uma alma com um menino pela mão e deixa-o ao pé do “pae”, de modo que o não veja à primeira vista e “vae-se” a alma.*

Publicai-o aves sonoras,  
Cantai regatos por mero,  
Das águas gorgolejando<sup>166</sup>,  
E chorai fontes alegres,  
Que as águas estais deitando,  
Enquanto meu triste alento,  
Em as chuvas de meus olhos,  
Acha<sup>167</sup> descanso um momento.

*“Sae” outra alma com o outro menino e desde que o deixa diz o menino:*

Meu pai, meu querido pai?

CONDE  
Céus, que é isto que vejo?  
É ilusão do sentido,  
Filho querido, que é isto?

*Abraçam-se.*

MENINO  
Benigno o céu comigo,  
Se mostrou e sabeí pai,  
Que um paraninfo supremo,  
De azul e branco vestido,  
Quando o rigoroso fogo  
Chegava a vingar em mim,  
Seus vingativos incêndios;  
De *improvido* me livrou,

---

<sup>165</sup> “redimir-te”.

<sup>166</sup> “groguelejando”.

<sup>167</sup> “Acham” (em ambas as versões).

De aquele perigoso fogo,  
E ao pé de ti me deixou.

CONDE  
Chega-te mais aqui belo.

*Abraçam-se.*

E por nova tão feliz,  
Demos-lhe graças ao céu.

*Sai por outra porta outra alma, com a infanta e desde que deixa diz a Infanta:*

Esposo, Conde e senhor?

CONDE  
Isto é ilusão ou sonho,  
Duma fortuna tão boa,  
Que temo fortuna temo,  
Que agora me mate o prazer,  
Se não me matou um tormento;  
Esposa, duvido esta dita,  
Filhos o sentido perco,  
Esposa dá-me os teus braços.

*Abraçam-se.*

Branca rosinha em botão  
Flor desfolhada à força,  
Dum vento traidor e soberbo,  
Que despedaça o coração,  
É possível que te veja  
Restituída a meus braços  
Conta-me, esposa, o sucesso.

INFANTA

Um menino lindo e belo,  
Mais rápido que as andorinhas  
Cortando o voraz incêndio,  
Quando de chamas cercada  
Lamentava o fim funesto;  
E entre congoxas<sup>168</sup> e penas,  
Me alagava o sentimento,  
Pelos ares me livrou,

---

<sup>168</sup> Na outra versão lê-se “congoias”. Cf. castelhano “congoja” (angústia, aflição). De referir que a expressão “entre congojas y penas” está presente em muitos textos e romances tradicionais castelhanos.

Daquele perigoso fogo,  
E me disse que os quatro,  
Com pressa e sem tardar  
Nos fôssemos para o castelo,  
Para nossos corpos livrar.

CONDE  
Que era?

INFANTA  
Não o viste?

CONDE  
Não vi.

INFANTA  
É certo?

CONDE  
Em verdade nada vi.

INFANTA  
Pois aqui chegou e se foi.  
Por diante de ti mesmo.

MENINO  
E o que a mim me livrou  
Meu pai também não o viste?

CONDE  
Não, por certo.

MENINO  
Pois perto de vós passou  
Mas elevou-se e voou.

CONDE  
Esposa, bem sei que são,  
Os defuntos que morreram  
Em graça de Deus e vêem,  
A amparar-nos nos apertos.  
E posto que nos avisam,  
Vamos ao castelo logo,  
A dar-lhe as graças ao céu,  
Pelos benefícios feitos  
E a rogar pelos defuntos,  
Posto que livres nos vemos,  
Dum rei cego, um rei usado,  
Dum cruel pai, dum mau sogro,  
Que ultraja seu sangue próprio,  
E perde o respeito ao céu.

*Vão-se. Sai o Rei e diz:*

Que tanto a fortuna os ajude,  
Ficando o seu palácio arruinado,  
Tenho notícia que hão livrado,  
E o forte de Calhar os encobre.

*Sai Luduvico e diz:*

Buscando-te tenho vindo rei formoso.

REI  
Vindes triunfando da grande conquista.

LUDUVICO  
Não há vila nem *logar* que te resista,  
Nem castelo forte nem brioso  
Lhe resiste a teus soldados valorosos,  
Com coragem importuna<sup>169</sup> mui valente  
As bandeiras destroçam a sua gente.

REI  
Os lugares, castelos e fortes,  
Hei-de abrasá-los que é meu gosto,  
Esta cidade em gran perigo hei posto,  
E seus moradores renderam seus postos.

LUDUVICO  
Pois de todo espero me dê parte,  
Dos troféus que há empreendido Marte.

REI  
Hás-de saber Luduvico,  
Que mil anos guarde o céu  
Que de todos quantos há  
Grandes, medianos e pequenos,  
Todos ficaram sem vida,  
Portas, castelos e cidades,  
Todos ficaram arruinados,  
E convertidos em desertos,  
Os povos que tributavam  
Ao Conde Fabrício ofendo,  
E depois destes destroços,  
Vi-me com fúria resolvida,  
A cercar esta cidade,  
Com uma cruel tirania,  
Deu-lhe avance a minha gente,  
Abatendo cruelmente,  
As bandeiras e seus *suptros*<sup>170</sup>,

---

<sup>169</sup> Na outra versão lê-se “infortuna”.



Em seu lugar arvorando,  
Roxos e estandartes pretos,  
Não tem escapado um à morte,  
Uns que se lançavam ao mar,  
Outros se chegavam ao fogo,  
Outros se davam a morte:  
Hás antes de tudo lá dentro,  
Gatos, *perros*<sup>171</sup> e cavalos,  
De pura fome se comeram  
A tanto chegou o rigor  
E essa cruel tirania  
Que o pai comia o seu filho,  
E o filho seu pai comia;  
Houve algumas mães que tinham  
Filhos de peito inocentes,  
E vendo morrer a seus filhos,  
Por faltar-lhe os alimentos,  
Com o sangue de suas veias,  
Pela falta do seu peito,  
Alimentavam seus filhos,  
Com o sangue em vez de leite,  
Até que a morte horrível,  
Descarregava sobre eles,  
O golpe fero e terrível  
Cheguei ao palácio do Conde,  
E vendo o perigo eles,  
As portas todas fecharam,  
De puro temor e medo,  
Mandeí que fogo lançassem,  
Em uma noite o incêndio,  
Abrasou todo o palácio,  
Até os muros cimeiros,  
E quando pensei que tinha,  
Conseguido meus desejos,  
Soube que o Conde e a Infanta  
Com dois filhos pequeninos,  
Em o castelo de Calhar,  
Se recolheram a lá dentro,  
Se amparam, mas já cercados,  
Com meus soldados os tenho;  
Pegar-lhe fogo ao castelo,  
Por impossível o tenho,  
Que o contramuro é de pedra,  
Mas já que assim não posso,  
Vingar meus cruéis enojos,  
E para ter gosto contente,  
A fome será instrumento

---

<sup>170</sup> Esta é a forma que nos aparece em ambas as versões mas onde, em nosso entender, se deveria ler “ceptros”.

<sup>171</sup> Cf. mirandês e castelhano “perro” (cão).

E acabará com esses despojos.

LUDUVICO

Tem piedade rei e senhor,  
Sequer por teus dois netos,  
Que parecem dois anjinhos,  
Tão pequenos e tenrinhos.  
Como homem o Conde pecou,  
Ao feito já não há remédio  
E o pontífice romano,  
Lançou-lhe a excomunhão,  
Dá-lhe a Cerdenha perdão,  
Já tem deles compaixão,  
E perdoe essas ofensas.

REI

Luduvico, tu que pensas?  
Sobre defender minha honra  
Arrisco a perder meu reino.

LUDUVICO

Tem piedade deles senhor.

REI

Não me dêis mais enojos  
Que sou Afonso de Espanha,  
Contra o Conde de Saldanha,  
Até tirar-lhe seus olhos.

*Sai o Marquez e traz a Fernando preso.*

MARQUEZ

Este correio passava  
Num caminho tão ligeiro,  
Levava carta para o Conde  
E eu fi-lo prisioneiro.

REI

Bem o conheço que é um traidor,  
E há chegado a tão bom tempo  
Que hei-de executar nele,  
A ira e raiva que tenho.

*Diz Fernando quase chorando:*

Pois que culpa tenho eu?

REI

Inimigo! Viva o céu!  
Que do cruel coração meu  
Tens sido tu instrumento

Com tuas alcovitices.

FERNANDO  
Olhe lá, veja o que diz,  
Trate-me como quem sou,  
E o tratar mal seja pouco,  
E advirta que sou louco,  
Mas dos melhores cristãos,  
Que há em mais de mil reinos.

REI  
Pois enforca-me esse cristão  
Tão infame e tão perverso.

FERNANDO  
Por Cristo me castigais.

REI  
Por mau cristão pelo menos,  
Deita-lhe ao pescoço o cordel.

FERNANDO  
Senhor eu vo-lo agradeço.  
*(Isto dizia-o para Deus)*  
E dou-o por bem recebido.

MARQUEZ  
Já estava prevenido,  
Aqui este caneleiro  
Agora grande sendeiro,  
Dele vou pendurar-te eu.

FERNANDO  
Caneleiro sou eu, Judas Fariseu.

REI  
Nós outros entretanto e não  
Ao castelo volveremos  
A buscar o Conde ingrato  
E se não revistaremos  
O seu templo e veremos  
Se nele se oculta esse traidor.

*Vão-se.*

FERNANDO  
Vejo que estou num cemitério  
E que esta terra é sagrada.

MARQUEZ  
Vem traidor.

FERNANDO *(chora)*  
Herege, espera,  
Deixa-me rezar um credo  
Que leve o diabo a vontade  
Que de morrer agora tenho.

MARQUEZ  
Já tendes posto o cordel.

FERNANDO  
Justiça peço aos céus  
Que me levam a enforcar  
A uma árvore dos infernos.

MARQUEZ  
Eia, encomenda-te a Deus.

FERNANDO  
Que cuidado tem ele em mim  
Pensa que morro com gosto?  
Dê-me sua vida e troquemos.  
Mas já soberano Deus  
Como dum sonho recorde  
E ao pescoço um forte laço  
Meus inimigos têm posto!  
*Contento* estou em saber  
Que morro num cemitério,  
Porque a minha tenção  
Era rogar pelos defuntos,  
Ouvi defuntos soberanos  
Os que já estais nos céus  
Como não volveis por mim,  
Neste passo tão tremendo?!

*Saem duas almas dos sepulcros com paus de alívio e dão porradas no Marquez.*

1ª ALMA  
Fora, aparta vilão.

*Dá pancadas.*

MARQUEZ  
Santo Deus, que será isto?  
É um caso nunca visto  
O ressurgirem os mortos.

2ª ALMA  
Deixa livre este devoto.

*Dá-lhe pancadas.*

MARQUEZ

Ai, que me matam!

Ai, que feneço!

*Vão-se retirando as almas atrás dele. Fala com alegria.*

FERNANDO

Vitória pelos defuntos,

Que por eu rogar por eles,

Nesta ocasião me valeram.

AS DUAS ALMAS

Vem connosco,

Que em salvo te poremos.

*Vão-se. Sai o Rei e Luduvico e diz o Rei:*

Que não acham a estes tiranos

Meus vingativos cuidados

Registai fortes soldados,

Esses templos soberanos,

Subi a todas as partes,

Ide à torre, à tribuna,

Não deixeis coisa nenhuma,

Sacai-os logo daqui.

Essas alturas olhai,

Capelas e sacristias,

Das abóbadas mais frias,

Os sepulcros registai.

*Golpeiam dentro, tocam os sinos e dizem dentro os defuntos.*

DENTRO

Rei cruel, rei inumano<sup>172</sup>,

Não persigas mais o Conde.

*Sai o Marquez e os soldados assustados.*

MARQUEZ

Senhor, senhor os defuntos

Nos hão lançado a *empuxões*,

Dando-nos *muchicões*,

Que vêem mais de mil juntos.

REI

Que temor meu peito esconde

Ó que ruído tão estranho!

As mãos e pés absortos,

Hão ficado quase em ver,

Que assim querem defender

A este tirano os mortos?

LUDUVICO

Tu que tens?

Não estás em ti?

REI

Que correm a igreja quero,

Porque o Conde e feiticeiro,

Deixai-o, vamos daqui,

Em algumas doutras redes,

Ele há-de vir cair, vamos,

Que nos fazem já tremer,

Estas sagradas paredes.

*Vão-se. Sai o Conde com o menino maior pela mão e a Infanta com outro ao colo.*

CONDE

Oh! Virgem Santa divina,

Dos pecadores auxílio,

Vamos senhora fugindo,

Deste vento transversal,

A necessidade obriga a tal

Oh! Mãe de quem vos implora,

Sáimos do castelo agora,

A buscar o alimento,

Três dias são acabados,

Que os nossos débeis corpos,

Não têm recebido manjar,

Da pão, água ou refrigério,

Que possa servir de alívio,

E nos possa dar sustento;

Porque o sinto, senhora,

Por estes meninos pequenos,

Por minha aflita esposa,

Isto é o que choro e sinto,

Em traje de peregrinos,

Por uma mina que temos,

Lá no castelo, saímos

Para não ser descobertos

A pedir uma esmola,

Para dar à vida sustento

Pois este rei de Sicília

Assolou o da Cerdenha

---

<sup>172</sup> “enhumano”, em ambas as versões.

Antes que a noite feche  
A cortina do seu véu,  
Busquemos, querida infanta,  
Albergue em seus tocos lenhos  
Vamos caminhando, esposa,  
Oh! Meus filhos caminhemos  
Por esta áspera montanha,  
Que Deus nos dará remédio  
Se David foi perseguido,  
Eu perseguido me vejo,  
Ele dum Saúl invejoso,  
Eu dum Baltazar soberbo.

INFANTA  
Oh! Quanto Conde e senhor  
Estas tiranias sinto?  
Mas Deus nos há-de defender  
Tenhamos nele confiança.

MENINO  
Meu pai a sede me aflige  
Não haverá água para mim?

CONDE  
Ai filho da minha vida,  
Olhos que tal estais vendo  
Sede fontes a manar água,  
Pontes que alagueis meu peito  
Defuntos que estais em graça,  
De Deus sagrado e eterno  
Remediai minhas aflições!

*Saem duas almas, uma por uma porta, e uma  
traz pão numa cesta e outra traz água num vaso  
e diz a 1ª alma:*

1ª ALMA  
Já vos favorecem os céus  
Pelo bem que fazeis ambos,  
Sempre por vós olhamos,  
Que assim no-lo manda Deus;  
Aqui vos trago o alimento,  
Para escapar com as vidas.

2ª ALMA  
E eu vos trago as bebidas,  
Para restituirdes a vida,  
E para aplacardes a sede  
Sentai-vos sem temor nem medo,  
Da cruel fúria do rei,  
Que a vosso lado estamos

Guardando vossas pessoas.

CONDE  
Deus soberano e Eterno,  
De favores tão colmados  
Eu indigno me confesso.

REI, *dentro:*

Registai esses castelos,  
Olhai se se ocultaram dentro.

INFANTA  
Ai! Meu pai!<sup>173</sup>

MENINO  
Ai, meu pai!

1ª ALMA  
Deixai à parte<sup>174</sup> o receio,  
Comei e sustentai as vidas.

*Sentam-se a comer.*

Que por mandado do céu  
A vosso lado estaremos.  
2ª ALMA  
E porque vossos desejos  
Se cumpram por esses ares,  
Em pouco tempo vos poremos  
Na grande cidade de Deus,  
Aonde o rei usado<sup>175</sup> e cego  
Intenta dar o assalto  
Perdendo a Deus o respeito.

1ª ALMA  
Mas perderá a batalha,  
Que um exército soberbo  
Virá a defender gran Conde  
Seus muros, castelos e casas.

CONDE  
Pois se as nossas sentinelas  
São almas justas e santos  
Não tenhamos medo a tantas  
Traições que nos defendem elas.

---

<sup>173</sup> “Ai meu pai”, na outra versão.

<sup>174</sup> “à porta”, na outra versão.

<sup>175</sup> Forma idêntica em ambas as versões.  
Contudo, a forma mais adequada parece-nos ser  
“ousado”.

INFANTA

Filhos, o alimento tomemos.

1ª e 2ª ALMA

Comei que entradas defendemos.

*Enquanto comem estão de sentinela.*

CONDE

Esposa minha,  
Come do pão dos céus  
Tomai, filhos dos meus olhos.

MENINO

Oh! Que branco e bom é.

INFANTA

Oh! Como o céu piedoso,  
Favorável em nosso perigo  
Comunica sua piedade.

CONDE

Pois, Infanta, demos-lhe graças ao céu  
Pelos favores imensos  
Que suas mãos nos preparam,  
E agora embaixadores belos,  
Do Supremo Criador,  
Guiai-nos ao ditoso porto  
Da cidade sacrossanta,  
Onde os defuntos tenho  
Fundada uma confraria.

1ª ALMA

Vem que a salvo te poremos.

2ª ALMA

Vinde, pois.

INFANTA

Grande milagre!

MENINO

Grande portentoso!

CONDE

Vamos, almas santas, vamos.

1ª ALMA

Vamos, benfeitores nossos.

*Vão-se. Sai o Rei e Luduvico e diz o Rei:*

O castelo temos ganho,  
Não parece o Conde e a Infanta?!

LUDUVICO

Isso te espanta?

*Sai o Marquez e diz:*

Alvíssaras<sup>176</sup> que temos achado,  
Mina do castelo ao mar.

REI

Não há mais,  
Marcha tu com os teus  
Por esse divino Deus,  
Não há Nerão que me iguale  
Raivoso estou de pesar,  
Tomem-se todas as portas  
Seguramente a embarcar  
Que nos falta esta ilha  
Que conquistar e ganhar.

MARQUEZ

Às tuas tropas e aos teus  
Falta a cidade de Deus.

REI

Porque não a tendes ganho,  
Forte Mártir?

MARQUEZ

Porque lhe toca esta parte  
Ao de Candia.

*Vai-se.*

REI

Forte mártir  
Porque não a tendes ganho?

LUDUVICO

Aqui para entre nós dois,  
Que já não ouvem os teus  
Porque a cheguei a abater  
E ouvi a um soldado dizer  
Caia a Cidade de Deus  
E reparando na voz,

---

<sup>176</sup> “Alvíçarás”.

Que o soldado assim chamava,  
E que dedicada estava  
Aos defuntos e a Deus  
Isto passa e por isto,  
Respeito ao homem guardei  
E assim não a conquistei.

REI  
Agora reparas nisto?  
Na oração deste inimigo,  
Como pode ser directa  
Adeus minha gente a cometa.

LUDUVICO  
Com isto retirem-se os meus  
Não quero que o meu exército  
Forme guerras contra Deus.

REI  
Que gentis homens são os teus?

LUDUVIOO  
Respeito, rei famoso, a Deus,  
E contra Deus não guerreio,  
Quem contra Deus guerrear  
Há-de perder e não ganhar.

REI  
Conto cristoso,  
É mesmo para admirar,  
Tocai às armas soldado.

LUDUVICO  
Aos defuntos agravas  
E não ao Conde.

REI  
Eu os persigo  
Em nome de meu inimigo  
Eles são nobres e sábios,  
E saberão por si viver,  
Quem tenha medo que o tenha  
Que a ninguém hei-de temer,  
Esta cidade assolai  
Ide, soldados, bem juntos,  
Não tendes medo aos defuntos  
As muralhas abrasai.

*Vão-se. Saem à muralha o Bispo com um  
crucifixo na mão, o Conde, a Infanta, o Alcaide*

*e Fernando, todos com clavinhas e o menino e diz  
o Conde:*

CONDE  
Valentes soldados meus,  
Capitães de minhas tropas,  
Para agora é o valor  
Defendei vossas pessoas,  
Amparai esta cidade,  
Com as armas valorosas,  
Não desmaieis vosso alento,  
Nem temais as grandes fúrias,  
Do inimigo contrário,  
Que Deus por nós outros obra,  
Ele nos há-de defender  
Com sua misericórdia.  
Não temais um rei soberbo,  
Acompanhado de pompa  
Que sua glória vã é fumo  
E passa como uma sombra.

BISPO  
Oh! Católicos fregueses,  
Principais destas paróquias,  
E gigantes que mantendes,  
Templo de tão altas obras;  
Oh! Sacerdotes e leigos,  
Dividi-vos como tropas,  
Uns marchem ao campo  
E outros para as paróquias;  
Os sacerdotes de missa  
Vistam alvas, cinjam cordas,  
E cinza branca como a neve  
Sobre as cabeças ponham;  
As donzelas e meninos,  
Cantando as ladainhas  
Irão pelas ruas todas;  
Os veneráveis anciãos,  
As viúvas e as matronas,  
Irão arrastando luto,  
E dando aos pobres esmola,  
Levarão luzes acesas,  
Adorando o sacramento,  
E a Virgem da Vitória.

CONDE  
Tomai soldados as armas,  
Acuda a gente moça,  
Sobre os muros que já  
Os inimigos assomam;  
Vós, alcaide coronel,

Ocupai as praças todas  
Com gente e artilharia.

ALCAIDE  
Já estão carregadas.

INFANTA  
Já o exército do rei,  
Por essa praça espaçosa,  
Aos muros se vai chegando,  
Em duas divisões as tropas.

*Sai o Rei e o Marquez com espadas e tocam  
caixas os soldados.*

REI  
Eia, valentes soldados,  
Se esta ocasião se logra  
Digno há-de ser vosso esforço  
De aplauso e de vitórias:  
O último empenho é este,  
A superfície formosa,  
A babilónia fazei-a,  
Que o mundo chama e nomeia,  
Mística cidade de Deus,  
Até convertê-la toda,  
Em pó e cinzas e nada,  
Se antes foi do mundo glória  
Marquez, que diz a espiã?

MARQUEZ  
Que o mesmo bispo em pessoa,  
É o que ensina a gente,  
Aplicando vitória.

REI  
A artilharia avisai,  
Que preparem suas peças,  
Para que atirem certas,  
E vós a cidade cercai  
Que eu com eles vou ter,  
E já os princípios vou ver  
Mas alerta sempre estai  
D. Andrés as chaves dai  
Desta fortaleza heróica.

CONDE  
Com que arrogância as pede?

BISPO  
Isso ao Alcaide lhe toca.

28  
FERNANDO  
As chaves pede?  
A ganhar as de S. Pedro a Roma.

REI  
Não ofenderei esta cidade,  
Como me deis a chave  
Do Conde traidor e a Infanta.

FERNANDO  
Perdoe que não há esmola.

REI  
Considera que a Cerdenha  
Tenho arruinado toda,  
Salvo as vilas e povos  
Pediram misericórdia;  
Todos os tributos pagam  
A mim uma grande soma  
Quem por duas pessoas quer  
Cidade ver arder  
Em chamas como Sodoma?

CONDE  
Tudo o que vês presente  
É de teus netos e adorna  
Sua juventude; que te hão feito?  
Volve em teu juízo torna!

REI  
Porque inimigo me chamas  
Quando a honra defendo?

BISPO  
Esses que a Deus defenderam  
A sua glória pretendem,  
E os demais à glória vão,  
Olha que o Conde e a Infanta,  
Estão casados e gozam,  
Do fruto da sua bênção,  
E contra Deus te levantas,  
Perseguindo o sacramento do  
matrimónio.

REI  
Traidor, não estejas a pregar  
Porque esses sermões teus  
Provocam os ferozes meus,  
Ide uma peça disparar.

*Disparam a peça.*

MARQUEZ

Já atiraram.

BISPO

Valha-me Nossa Senhora!

MENINO

Já deram morte a meu tio!

BISPO

Santo Deus, Virgem Piedosa

Dai-me, amigos, confissão.

*Morre.*

REI

Caia esta Babilónia.

CONDE

Os mortos a quem ofendes

Se levantam contra ti;

Ouve-me rei.

REI

Diz<sup>177</sup> o que intentas ou me pretendes.

CONDE

Se queres fazer as pazes

É o que quero dizer-te.

REI

Agora pedes as pazes,

Não tenho porque temer-te,

Hei-de ferir-te deveras

Já podes tê-lo por certo.

CONDE

Já me rendo aos teus tormentos

E teu rigor não me espanta,

Como não peças a Infanta

Meu irmão levou-o Deus

Das mãos da tua crueldade,

Deixa livre esta cidade

Meus filhos e morra eu;

Não uses de crueldade

Com meus filhos e tua filha,

No demais em toda vida,

Executa a crueldade.

REI

A infanta e teus filhos quero

A ti e à cidade também

Seus muros em terra *dem*<sup>178</sup>.

MENINO

Pois primeiro dá-me a morte,

Antes que meu pai a suporte.

REI

Eu te trocarei a sorte,

Tu morrerás na traseira.

INFANTA

Cruel és.

REI

Sou fero.

MENINO

Mau avô!

REI

Sou a ira.

CONDE

Impossível que o *cente* vira.

REI

Valente praticador

Eia, disparai soldados

Ressoem as caixas ousados,

Executai crueldade.

*Sai Luduvico com pressa.*

LUDUVICO

Rei Baltazar invencível

Famoso em letras e armas,

Manda retirar a gente

Demos pois a volta à Itália

Não persigas mais o Conde

Nem dês pesar à Infanta

Que um exército famoso

Bem à vista de Calhar

Penso que é do Padre Santo

---

<sup>177</sup> “Dies”, numa versão; “dizes”, na outra.

---

<sup>178</sup> Por “dêem”.



Ou de novo rei de Espanha  
E está coberta a campanha,  
Ó rei, embarca-te, embarca-te,  
Ou dispõe para a batalha,  
Que atemorizam os montes  
As tropas ou suas caixas  
Que vêem a sangue e fogo  
Em defesa desta pátria  
Todos vestidos de branco  
Com coroas de esmeraldas.

REI

Se tu temes, eu não temo,  
Não tenho temor de nada.

*Virão assomando uma porção de meninos ao longe, em duas fileiras com ramos, campainhas, espadas e fé.*

*Virá D, Rodrigo como capitão do exército na frente, a cavalo num cavalo branco e ele também de branco como o seu exército, trará uma lança e ao mesmo se sobem ao “taboado” e dão a batalha entrando e saindo.*

CONDE

Que exército tão famoso,  
E que insígnias<sup>179</sup> tão bizarras.

INFANTA

Sem duvida é o Padre Santo  
Que numeroso esquadrão.

REI

São aqueles?

LUDUVICO

Aquelas são.

*Vai-se.*

REI

Soltados que vestem albas.

*Tocam caixas.*

Farão pouca resistência  
Entre a gente em batalha  
Arruinem estes edifícios.

RODRIGO

Reprime, rei, a soberba,  
Que em breve<sup>180</sup> todas as fúrias  
Hás-de ver aniquiladas;  
Guarde-te Deus, nobre Conde;

*Entra ao “taboado” agora.*

Estais em boa hora Infanta?  
Com os demais que habitais  
A cidade soberana?  
O exército presente  
Sabei que somos almas  
Que haveis presentado a Deus  
Com vossas honras sagradas;  
Conde, ver o que nos mandas,  
Pois que a servir-te viemos,  
Posto que estás em graça  
D. Rodrigo, teu sobrinho,  
É o que presente te fala,  
Que pelos muitos sufrágios,  
Que a cidade celebrada,  
Merece pelos defuntos,  
Goza a celestial pátria,  
Junto com todo este exército,  
Que a esta presa me acompanha  
Agradecer de gosto viemos,  
A dar-te graças,  
E a defender a cidade  
Com teus palácios e casas  
Para que gozes contente  
Tu, teus filhos e a Infanta  
Sentes muito a desgraça  
Da conquista deste rei  
E ver tua terra arruinada.

CONDE

Mais sinto, sobrinho amado,  
Conhecer as grandes faltas,  
Que fazeis ao purgatório,  
Sendo um mau sogro a causa.

RODRIGO

Não ouvis... (*Aos meninos*)  
As celestiais palavras,  
Do Conde a Deus dirigidas  
E tão nascidas da alma?

<sup>179</sup> “ensignas” numa versão, “enseignes” na outra.

<sup>180</sup> “brebe”.

1ª ALMA  
Viva o Conde de Cerdenha  
A infanta e sua casa.

2ª ALMA  
E morra o Rei de Sicília<sup>181</sup>  
Pois Deus assim no-lo manda.

REI  
Morra a Infanta e o Conde.

Vai-se.

1ª e 2ª ALMAS  
Viva o Conde e a Infanta.

*Agora D. Rodrigo sobe ao “taboado” com o exército e entram dentro dando batalha com o rei, Marquez e mais soldados, mas os sicilianos fogem.*

RODRIGO  
Eia nobres companheiros  
Lançai desta cidade santa  
Tão perversos inimigos.

*Dentro.*

Fujamos todos daqui.

*Outros.*

Fujamos, fujamos.

*Entram e saem fugindo.*

RODRIGO  
Morrám. Defendei a Pátria.

INFANTA  
Conde, olha aqueles meninos  
Como sabem batalhar?

CONDE  
Bem vejo que a sua espada  
Bem a sabem manejar,  
Mas que estou a esperar,  
É [ver] como esta canalha

Deserta deixa a cidade  
E a nossa *luzida* gente  
As seguem com brevidade.  
Aclamando todos juntos,  
Vitória pelos defuntos.

*Saem os meninos por várias portas e sai também o diabo trazendo ao rei preso pelo pescoço com dois leões dos lados e diz a 1ª alma:*

1ª ALMA  
Vitória pêlos defuntos  
Vira a cidade Sagrada.

2ª ALMA  
E morra o rei de Sicília  
Pois Deus assim no-lo manda.

RODRIGO  
Esta é justiça recta  
Divina, santa e perversa,  
Que manda o Sempiterno Pai,  
Fazei que nesta humildade  
Publicamente lhe demos  
A morte, ao rei da Sicília  
Pelos agravos que há feito.  
Pegando fogo às vilas,  
Sem reverência nenhuma  
Dessas Igrejas benditas  
*Todo* são contra ti vozes  
As almas pedem justiça  
Que por tua causa cessaram<sup>182</sup>  
Os sufrágios e as missas  
Mataste o vigário Santo  
Desta Santa monarquia  
E por destruidor deste reino,  
Mandam tirar-te a vida.

REI  
Deixa-me, besta feroz,  
Deixa-me, fero inimigo,  
Não assim meu valor suspendas.

LUSBEL  
Licença tenho de Deus  
Para te tirar a vida.

INFANTA  
Valei a meu pai agora

---

<sup>181</sup> Na versão digitalizada lê-se “Cicilia”.

---

<sup>182</sup> “secaram”.

Sagrada Virgem Maria.

CONDE

Divino sol de Justiça,  
Não deis a morte a meu sogro  
Dos demónios o livrai;  
Oh! Defuntos soberanos.

*Apontando-os.*

Oh! Divina justiça  
Pedí que aplaque sua ira.

RODRIGO

Pelo grande rei da Sicília  
Todos roguemos a Deus.

*(Isto é para os meninos). Ajoelham todos,  
olhando para o céu como em oração e diz Lusbel:*

LUSBEL

Misericórdia pedis,  
Já é tarde.

REI

Ai de mim! Fero rigor  
Valei-me Deus que pereço<sup>183</sup>  
Confesso Deus e Senhor  
Que em breve tempo feneço;  
E que o inferno mereço  
Pela loucura e rigor  
Segui o meu apetite  
Vingando-me de meu genro  
Vou Condenado ao inferno  
Por teu poder infinito  
*(Põe-se de joelhos)*  
Senhor, com que hei-de pagar  
Tanto homem como hei morto,  
No campo descoberto posto  
E saqueei<sup>184</sup> em todo o lugar  
Oh! Meu Deus, poderei satisfazer  
Tantas igrejas roubadas,  
E donzelas desonradas  
Que no exército aluguei?  
Também paguei a Luteranos  
Soldo em meu campo real  
Que fizeram infinito mal  
Em teus templos soberanos.

<sup>183</sup> “pereço”, em ambas as versões.

<sup>184</sup> “assqueei”, na versão digitalizada, enquanto que na outra se lê “asaqueiei”.

*(Chora).*

LUSBEL

Por estar condenado choras  
Não te há-de valer  
Hoje há-de baixar a arder  
Com Satanaz e Lúcifer.

REI

A vida estou acabando,  
*Desagrado*<sup>185</sup> sem excesso,  
Misericórdia<sup>186</sup> te peço,  
Que já estou expirando;  
Soberano Redemtor  
Perdão te peço humilhado,  
Faz-mo digno desta graça  
*Mezericórdia* Senhor!

*(Morre). Os diabos o arrastam para o levarem  
para o Inferno, mas levanta-se D. Rodrigo e os  
meninos e diz:*

RODRIGO

Bestas ferozes, apartai.

LUSBEL

Ó Rodrigo, que me queres?

RODRIGO

Espero: doeu-se do pecado.

1ª ALMA

Está de Deus perdoado.

2ª ALMA

O seu perdão está alcançado.

LUSBEL

Renego do meu poder,  
Que é tão curto e limitado,  
Corrido e envergonhado  
Para o Inferno me vou.

*Funde-se disparando um tiro.*

RODRIGO

Vinde, abri sem temor

<sup>185</sup> Forma castelhana, particípio passado do verbo “desangrar” (esvair-se em sangue).

<sup>186</sup> “Mezericordia” na versão digitalizada; “Misiricordia” na outra versão.

As portas desta cidade,  
Que está livre na verdade  
Conde que o manda o Senhor.

CONDE  
Ao Senhor breve obedeço.

RODRIGO  
Ao que é bom Deus não lhe fala.

INFANTA  
O dar-lhe fim à batalha  
Aos meninos agradeço.

*Todos.*

Viva a cidade de Deus,  
Ganhada pelos defuntos.

*Encobre-se o Conde e a Infanta.*

RODRIGO  
Nobres companheiros meus,  
A aclamação só nos falta,  
Premiar ao Conde, os seus  
Sofrimentos já passados,  
Pois que nos mandam os céus,  
E em tanto que escutamos,  
Ordem tão suprema e santa,  
A cidade celebrada  
Arquivo de soberanos  
Honras, ofertas e missas  
Entoai canção sagrada.

*Cantam os meninos a coros.*

1ª ALMA  
O céu e a terra,  
Luzeiros da alva,  
Louvem propícios  
À cidade santa.

2ª ALMA  
De Deus [a] sua graça  
Está dedicada,  
Em fazer sufrágios,  
Às benditas almas.

*“Sae” o Conde a Infanta e Fernando.*

CONDE  
Soberanos embaixadores  
Das hierarquias<sup>187</sup> altas  
Às vossas plantas estou,  
A vontade vos ofereço.

FERNANDO  
Aos meninos agradeço  
O ter livrado minha vida  
A vontade vos ofereço.

RODRIGO  
Sentai-vos tio e Senhor  
Sentai-vos senhora Infanta,  
Atendei estes prodígios,  
E as raras maravilhas,  
Que o céu santo dispões.

*Ambos.*

Quem mereceu dita tanta?

RODRIGO  
Nobre Conde de Cerdenha  
Inventíssimo monarca  
Oh! Quanto o céu vos *agrata*,  
Pela paciência constante,  
Em tantas tribulações;  
Sua clemência soberana,  
À senhora condessa,  
Lhe promete uma grinalda  
E a vós o ceptro<sup>188</sup> e coroa.  
De Sicília hereditária:  
Selada....  
Rei de Sicília sois, Conde  
Em contrapartida de tantas,  
As próprias indulgências  
As tem já depositadas  
No céu de tua piedade  
E de tua religião cristã;  
Fundou um heróico templo,  
Da imaculada e santa,  
Mãe de Verbo Encarnado,  
Maria cheia de graça,  
Redentor do Purgatório  
O céu e a terra chamam,  
E a ti, Conde e gran rei,  
Pelo grande Redentor  
Os defuntos vos aclamam,

---

<sup>187</sup> “geraquias”.

<sup>188</sup> “sceptro”.

Nobres companheiros meus,  
Cingi a coroa sacra  
Do rei de Sicília ao Conde  
Pois Deus assim no-lo manda.

*Com muita reverência irão coroando o Conde e a  
Infanta tornando aos seus lugares.*

1ª ALMA

Eu esta coroa te ofereço.

*Põe-lha na cabeça e assim farão os outros,  
segundo as ofertas.*

2ª ALMA

Eu este ceptro.

*Leva-lho à mão.*

3ª ALMA

Eu, esta grinalda<sup>189</sup> de flores.

*(Isto é à Infanta)*

Com esta constante palma.

1ª ALMA

Eu esta espada (ao Conde).

RODRIGO

Agora companheiros meus

A aclamação só nos falta.

1ª ALMA

O novo rei de Sicília

Viva por idades largas.

2ª ALMA

Viva, viva o fundador

Da cidade sacrossanta.

CONDE

Deus soberano e eterno,

Tanto bem e dita tanta

Fazes com um [vil] escravo.

INFANTA

Meu Deus, infinitas graças

Vos dou por tantos favores

Que fazeis a esta escrava.

RODRIGO

Irmãos, pois já cumprimos

Ordem tão suprema e santa,

E a cidade de Deus

Fica bem assegurada

Nobre Conde de *Cerdenha*.

Gozai em quietude<sup>190</sup> amada,

Vossa esposa e vossos filhos

Que sempre em vossa defesa

Estão as benditas almas

Rogando por vás sempre, ámen.

FIM

---

<sup>189</sup> A forma que nos aparece em ambas as versões é “girnaldá”, ou seja, sem a metátese que originou a forma “grinalda”. Cf. igualmente o castelhano “guirnalda”.

---

<sup>190</sup> “enquietude”.